



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

TAINÁ MARIA DE OLIVEIRA SANTOS

**TERRITORIALIDADES E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE
MULHERES RURAIS NO DISTRITO DE MUQUÉM, AREIA –
PARAÍBA**

CAMPINA GRANDE – PB
DEZEMBRO/2019

TAINÁ MARIA DE OLIVEIRA SANTOS

**TERRITORIALIDADES E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE
MULHERES RURAIS NO DISTRITO DE MUQUÉM, AREIA –
PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Verena Sevá Nogueira

CAMPINA GRANDE – PB

DEZEMBRO/2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DE: **TAINA MARIA DE OLIVEIRA SANTOS**

TÍTULO: **Territorialidades e trajetórias de vida de mulheres rurais no distrito de Muquém, Areia - PB**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Campina Grande (PB), 10 de dezembro de 2019

Prof.^a Dr.^a **Verena Sevá Nogueira** (UFCG - Orientadora)

Prof.^a Dr.^a **Maria da Conceição Mariano Cardoso Van Oosterhout** (MEMBRO - EXTERNO)

Prof.^a Dr.^a **Aline Barboza de Lima** (MEMBRO INTERNO)

Pelo fim do Femicídio. Pela vida das mulheres: às que me cercam, inspiram *luchas*, memória, saber, liberdade, empoderamento e (re)existência, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu peço Agô aos meu Orixás, saúdo à Jurema Sagrada e agradeço à todas as Deusas do universo pela força e proteção através dos seus ensinamentos, palavras de conforto e cuidados. Por me guiarem em momentos tão difíceis de lama e escuridão, pela força da mulher, da minha mamãe Osún que me trouxe esperança e encantamento, me fazendo percorrer e atravessar os rios mais profundos e turbulentos, onde a doçura do colo dessa mãe me faz perceber que meu caminho será menos atribulado com a presença desta divindade. Às mulheres ancestrais da minha família que me fortalecem, me protegem e me direcionam ao mundo. Axé!

Gostaria de agradecer à minha Mainha Sandra e minha avó Virgínia, mulheres independentes e guerreiras que me colocaram no mundo e souberam lidar com minha teimosia e insistência pela liberdade constante, eu amo vocês, e o fim deste ciclo é uma conquista nossa! Além delas, à minha eterna Tetê (*in memorian*), que seria uma das minhas entrevistadas, que inspirou a escrita do TCC e me fez acreditar que através de sua trajetória na agricultura, sua vida foi muito significativa. Está mulher que desde minha infância me ensinou os cuidados com a terra, às plantas, o cultivo, o compartilhamento do amor e da compreensão, a ela eu reforço toda minha dedicação e esforço construída neste trabalho. Ao meu Papai Elias, agricultor que tanto admiro, obrigada por me abraçar, me confortar e me inspirar a ser forte.

Ao meu companheiro de casa, viagens, histórias, sofrimentos e de vida Yago Bernardino, *muchas gracias bebezito por toda nossa história juntas!* Que desde 2016 está ao meu lado, que teve paciência, me escutou, me abraçou quando eu mais precisei, me alimentou, me fez crescer (sempre juntos) e lutar por um mundo mais justo. Ao meu querido Eddie (Edward), a pisciana que me enche de orgulho pela força e esperança de que tudo vai dar certo (uma hora vai), pelos abraços e abrigos por tantas vezes quando me faltou morada.

As minhas irmãs Lady e Taísa, e minha sobrinha Lily, que sempre botaram fé na minha ideia, por nunca me abandonar e sempre levantar a cabeça quando a coroa estava pra cair. Meu irmão Thalles, minha cunhada Bárbara e meu sobrinho Pedro Miguel, obrigada por sempre estarem ao meu lado. À minha amiga Margarida Guida Paiva, professora de Geografia no Estado de São Paulo que eu conheci na temporada 2019.1 e me ensinou muitas *paradas* sobre a decodificação do universo (tudo é quântico!). As minhas vizinhas Ivana e Selma como toda a galera da Vila das Flores, pelas comidas veganas, cafês, conversas e cervejas na feira da Prata e no bar da Loira durante essa temporada. Axé!

À minha psicóloga Laís Barbosa, que ao longo de todas as sessões, através das suas abordagens, me fez perceber a importância do autocuidado, do desapego de relacionamentos abusivos, da importância das raízes, autocontrole, e por explicar que a dor que eu sinto é apenas minha, fazendo me sobressair dos momentos que acreditei que não seria suportável existir. Obrigada pelo espaço, paciência, compreensão e valores existenciais.

Ao espaço de diálogo e construção de ideias oferecido pelo grupo de pesquisa LEPOLITC (Laboratório de Pesquisa sobre Política, Território e Cultura) pois através de muitas discussões de textos todas as sextas-feiras, consegui melhorar minhas leituras acadêmicas. Aos *amigues* Irton, Nívea, Renally Horrana, Jeovana (Gió), Valquíria, por suas passagens e trânsitos em momentos muito especiais. Aos *amigues* de becos, de *sessions*, de praças, cafés e indignações que eu encontro neste espaço de vivência UFCG.

As professoras que compõe a banca, Aline Barboza de Lima e Maria da Conceição Mariano Cardoso Van Oosterhout por se disponibilizarem a contribuir e melhorar este trabalho.

Às mulheres entrevistadas, pois através da confiança que elas me depositaram, eu nada seria.

E por fim, e muito mais importante, agradecer a Deusa Verena por aceitar ser minha orientadora e por acreditar no meu tempo, na minha escrita apesar das minhas dificuldades. Por sempre me oferecer suas palavras de carinho, conforto e amor. Obrigada por existir! Obrigada por cada tempo de reunião, diálogos e ideias. Sem sua força, eu não estaria finalizando minha escrita. Obrigada por me escutar e acreditar no potencial de falar sobre as mulheres. É por nós e por *todes*!

RESUMO

Pensar como as mulheres ocupam seus espaços e falam sobre suas trajetórias cotidianas e rurais, é o que me inspirou a realizar uma pesquisa com as mulheres da comunidade de minha origem no Distrito de Muquém, localizado no município de Areia. A territorialidade pode ser compreendida através da forma como um território se constitui, onde no campo da Geografia, este pode ser caracterizado diante de várias possibilidades. A metodologia consiste numa abordagem de cunho etnográfico, onde almejei interpretar as lutas simbólicas e o reconhecimento do espaço de trabalho materializado pelas mulheres sítiantes que participam de múltiplas atividades de produção e reprodução voltados à economia e à vida rural na sua totalidade. No primeiro capítulo são apresentados os aspectos socioterritoriais e a metodologia do trabalho. Na sequência, o segundo capítulo é dedicado à compreensão das territorialidades e histórias de vida de seis mulheres agricultoras: Camomila, Flor de Maracujá, Dália, Flor de Beijo, Dama da Noite e Girassol.

Palavras Chaves: Territorialidade; Trabalho; Mulheres; História de Vida, Agricultura.

RESUMEN

Pensar en cómo las mujeres ocupan sus espacios y hablar sobre sus trayectorias diarias y rurales es lo que me inspiró a realizar una encuesta con mujeres de la comunidad de mi origen, localizado Distrito de Muquém, insertado en la municipio de Areia. La territorialidad puede ser entendido por la forma en que se constituye in territorio, donde en el campo de la Geografía, puede ser puede esto caracterizarse por varias posibilidades. La metodología consiste en un enfoque etnográfico, donde mi objetivo era interpretar las luchas simbólicas y el reconocimiento del espacio de trabajo materializado por las mujeres sitiadoras que participan en múltiples actividades de producción y reproducción centradas en la economía y la vida rural en su totalidad. El primer capítulo presenta los aspectos socioterritoriales y la metodología de trabajo. En la secuencia, el segundo capítulo es dedicado a la comprensión de territorialidades e historias de vida de seis mujeres agricultoras: Camomila, Flor de Maracujá, Dália, Flor de Beijo, Dama da noite y Girassol.

Palabras Llaves: Territorialidad; Trabajo; Mujeres; Cuentos de la vida; Agricultura.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01 Localização do Distrito de Muquém.....	14
Fig.02 As duas ruas principais da parte Central do Distrito de Muquém.....	17
Fig.03 Comunidades pertencentes ao Distrito de Muquém.....	20
Fig.04: Representação gráfica das redes de relações de Vovó.....	21
Fig.05. Centro Santo Antônio.....	24
Fig.06. Casa velha apresentada pela cor amarela e a casa nova na cor rosa.....	25
Fig.07 Parte do roçado após a colheita do milho e feijão mulatinho (no roçado pode-se observar uma construção que futuramente será o galinheiro).....	25
Fig.08: Mapa mental de Camomil.....	26
Fig.09 Feijão de Camomila no fogo às 7:00 da manhã.....	27
Fig.10 Espaço de trabalho dedicado as costuras de Camomila.....	28
Fig.11: Frente da Casa de Flor de Maracujá.....	29
Fig.12. Aves que Flor de Maracujá cria.....	30
Fig.13 Flor de Maracujá atrás da sua casa, espaço dedicado ao cuidado de plantas.....	31
Fig.14: Mapa mental de Flor de Maracujá.....	33
Fig.15 Casa atual de alvenaria de Flor de Beijo.....	35
Fig.16 Mapa mental de Flor de Beijo.....	36
Fig.17 Flor de Beijo costurando.....	37
Fig.18 Galinheiro e por trás fica as galinhas de Flor de Beijo.....	38
Fig.19 Mapa Mental de Flor de Beijo.....	39
Fig.20 Casa versus Roçado de Dama da Noite.....	41
Fig. 21 Mapa Mental elaborado por Dália e seu neto.....	44
Fig.22 Roçado de Dália.....	45
Fig.23: Dália mostrando o pé de pimentão.....	46
Fig.24 Artesanato de cipó feito por Girassol.....	48
Fig.25 Mapa mental elaborado por Ulisses, filho de Girassol.....	49
Fig.26 Girassol em seu roçado no mês de novembro: Fava e maniva.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: NOTAS SOBRE TERRITORIALIDADES E TERRITÓRIO ..	12
Notas sobre mulheres rurais numa perspectiva de gênero	13
CAPÍTULO II: ASPECTOS SOCIOTERRITORIAIS E METODOLOGIA DO TRABALHO	15
II.1. Muquém: uma comunidade rural do planalto da Borborema	15
II.2 – Aspectos metodológicos do trabalho	19
CAPITULO II: AS MULHERES RURAIS E SUAS TERRITORIALIDADES ..	22
II.1 - Camomila	23
II. 2 - Flor de Maracujá	29
II.3 - Flor de Beijo	34
II.4 - Dama da Noite.....	40
II. 5 - Dália	43
II. 6 - Girassol.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

me levanto sobre o sacrifício de um milhão de mulheres que vieram antes e penso: o que é que eu faço para tornar essa montanha mais alta para que as mulheres que vierem depois de mim, possam ver além?
(Legado – Ryane Leão)

Pensar como as mulheres ocupam seus espaços e falam sobre suas trajetórias cotidianas e rurais foi o que me inspirou a realizar uma pesquisa com as mulheres da comunidade de minha comunidade de origem no Distrito de Muquém, localizado no município de Areia.

Inserindo nesse debate, este trabalho busca analisar as territorialidades de mulheres rurais de comunidades inseridas no Distrito de Muquém, no município de Areia/Paraíba, enquanto processos de construção de seus territórios ou espaços de vida. Processos territoriais perseguidos nesta análise a partir da compreensão das práticas e representações ocorridas no espaço doméstico e fora de casa. A relevância deste trabalho se dá por contribuir aos estudos que valorizam a atuação das mulheres percebida em várias situações e espaços, como no trabalho doméstico, nas lides da agricultura, no artesanato, na relação das mesmas a terra familiar, bem como, nos seus trânsitos cotidianos entre esses espaços.

A metodologia consiste numa abordagem de cunho etnográfico, onde almejei interpretar as lutas simbólicas e o reconhecimento do espaço de trabalho materializado pelas mulheres sitiantes que participam de múltiplas atividades de produção e reprodução voltados à economia e à vida rural na sua totalidade. Após um momento introdutório do trabalho dedicado à leitura de literatura sobre os temas da territorialidade e relações de gênero especialmente no meio rural, foi realizada pesquisa de campo entre os meses de outubro e setembro (entre 10/10/2019 finalizando no dia 17/11/2019) para realização das entrevistas, mas os diálogos com as mulheres foi antes, no mês de setembro.

A parte principal da bibliografia utilizada neste trabalho está relacionada à compreensão de como se dão as relações de mulheres rurais nos espaços em que elas dedicam sua força, seja de trabalho emocional, produtivo ou reprodutivo. Nesse tema Aguiar (2017), Beauvior (1960), Brumer (2004) e Federici (2017) apontam para algumas reflexões acerca do trabalho realizado na agricultura, e como este trabalho se desenrola ao longo da vida das mulheres e no seu cotidiano. Os nomes das mulheres representados através de flores são

referentes aos seus gostos e intimidade com as flores. Portanto, através da construção de mapas mentais consegue-se representar as territorialidades das mulheres rurais entrevistadas.

CAPÍTULO I: NOTAS SOBRE TERRITORIALIDADES E TERRITÓRIO

A territorialidade pode ser compreendida através da forma como um território se constitui, onde no campo da Geografia, este pode ser caracterizado diante de várias possibilidades, contrapondo-se até de linhas de pensamento mais tradicionais que colocam o território de forma permanente e estabelecido, se contrapondo à interdisciplinaridade necessária para se pensar um espaço.

Saquet (2015) explica que “o território é o resultado das territorialidades, aquilo que Raffestii denominou de conjunto de relações do sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo”, logo, o tempo presente, passado e futuro indica processualidade e, também, simultaneidade, pois vivemos em temporalidades e territorialidades, em unidade, em processo constante e concomitante de desterritorialização e reterritorialização que gera sempre novas territorialidades e novos territórios que contém traços/características dos velhos territórios e territorialidades. (SAQUET, 2015, p.79).

É necessário perceber como os territórios são constituídos por amplos processos, percursos, usos e significado. Heidrich (2015) define territorialidade como uma “ampla e complexa construção, não é simplesmente a paisagem. Trata-se da ocorrência pertinente de ação. Que permite fixação, separação, uso, posse. Elas são o elo entre o ator e objeto, resultam marcas objetivas das” (HEIDRICH, 2015, p.273), são estas relações com os espaços que podemos caracterizar e reconhecer algumas territorialidades

Os territórios de poder precisam ser analisados através das multidimensionalidades das relações de poder. Conforme apontado por Cunha (2017) podemos perceber que “ideias de civilização, progresso e desenvolvimento se construíram para encobrir discursos hegemônicos, as teorias e práticas racistas envolvidas na exploração ilimitada dos bens naturais, de trabalho e acumulação de lucro” (CUNHA, 2017, p.174).

Historicamente podemos observar como as atividades humanas (mas não apenas essas) no território estão organizadas através de uma divisão sexual do trabalho, que submete as mulheres, em grande medida, a um lugar desvalorizado em relação aos homens. Conforme aprofunda Grosfoguel (2008), o debate sobre a desvalorização do trabalho feminino se pauta por estruturas de poder relacionadas às “hierarquias de classes, sexuais, de gênero, espirituais,

geográficas e raciais que contribuíram para sustentar a estrutura do sistema-mundo” (GROSFOGUEL, 2008 p. 118 a 121).

Através desta compreensão, entende-se que territórios que as mulheres transitam são expressos tanto por meio dos seus laços, afetos, trabalho e conhecimento sobre o meio. É através do percurso, de suas histórias que estas delimitam e tem acesso aos espaços que por elas são determinados. É a ocupação, expressão e pertencimento.

Notas sobre mulheres rurais numa perspectiva de gênero

Ao falar sobre os corpos femininos presentes no meio rural é visto a importância de quebrar o imaginário social que alimenta a lógica estruturante da sociedade burguesa. Ao contrário do que muitos acreditam, falar sobre as mulheres rurais pode ser enfatizado, como apontado por Aguiar (2017, p.145), onde estas possuem suas trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais históricas particulares (...) que se por um lado a expressão pode ser unificada, por outro, expressa distinções que se referem à diferença de condições sociais”.

É através das diferenças que constituem a experiência vivida, o significado e o resgate onde as mesmas precisam que suas vozes sejam privilegiadas a partir de suas narrativas. Logo, também precisamos ressaltar que existe uma dicotomia representada através do trabalho realizado pelas mulheres que direciona a divisão através do trabalho produtivo versus o reprodutivo no espaço doméstico. Federici (2017) aponta que este trabalho foi direcionado para as mulheres devido um processo histórico que favoreceu determinadas estruturas através

da importância econômica da reprodução da força de trabalho realizada no âmbito doméstico e sua função na acumulação do capital se tornaram invisíveis, sendo mistificadas como uma vocação natural e designadas como “trabalho de mulher” (FREDERICI, 2017, p. 145).

Pode-se afirmar que o discurso biológico¹ se tornou a explicação única de distinção entre os sexos, que por sinal, inferiorizou e colocou os corpos femininos na condição de

¹ Apresentado por Federici (2017) onde ela aponta o caráter destrutivo da construção de sexualidade colocado por Foucault, que trata a sexualidade a partir da perspectiva de um sujeito indiferenciado, de gênero neutro, como uma atividade que supostamente tem as mesmas consequências para homens e mulheres, excluindo todo o processo de perseguição e opressão direcionado as mulheres durante a Caça às Bruxas.

inferioridade apenas através da binariedade, portanto, nunca considerou as subjetividades e as formações sociais que as mulheres se encontravam. Por isso Beauvoir (1949, p. 64) aponta que

uma sociedade não é uma espécie: nela a espécie se realiza como existência, transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia, os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume”. É através da origem da família e da privatização das terras que consiste na imposição do trabalho doméstico para fazer surgir a família patriarcal (BEAUVOIR, 1949, p. 85).

Portanto, é através de determinada construção social que Aguiar (2017) apresenta a necessidade de perceber e valorizar o trabalho atribuída e realizado pelas mulheres do campo através de uma perspectiva feminista no meio rural, por logo, estes trabalhos não se encontrarem separados, e sim estarem atribuídos em conjunto sobre determinados espaços

os chamados trabalhos domésticos, de cuidados e produtivos eram realizados em espaços e tempos próximos (muitas vezes os mesmos). Ou seja (...) uma produção conjunta, uma relação bastante íntima entre trabalhos de natureza diversa, evidenciada, sobretudo, em situações econômicas de crise, em que as restrições ou diminuição dos serviços públicos e os cortes de custo nos setores privados, eram compensados pela intensificação do trabalho das mulheres, em atividades mercantis ou domésticas. (AGUIAR, 2017, p. 144 apud MARONHAS, SCHOTZ E CARDOSO, 2014)

Ao discorrer sobre a divisão sexual do trabalho no campo, Carneiro (1996) nos mostra como o trabalho feminino, seja doméstico ou referido à produção agrícola, é historicamente representado como subordinado. Em muitos contextos rurais de desigualdade de gênero o trabalho agrícola da mulher é considerado uma ajuda ao trabalho do marido, do pai, do irmão.

Ao relacionar o contexto que as mulheres rurais estão inseridas é necessário apresentar um pouco dos seus cotidianos, suas memórias, aspirações dentro dos espaços de suas casas. Tal assunto se deve a necessidade de horizontalizar as discussões acerca do trabalho exercidos pelas mulheres do campo, valorizando as falas e história de vida das mulheres.

Aguiar (2017, p. 147) aponta que a partir da perspectiva de movimentos sociais² existe a importância que propõe autonomia e valores sobre as singularidades das mulheres “das lutas por reconhecimento que visa eliminar barreiras culturais e valorativas numa determinada sociedade para a constituição de sujeitos em suas singularidades, enquanto que a luta por

² Marcha das Margaridas (feminismo rural) e o Movimento de Mulheres Camponesas (feminismo camponês)

redistribuição visa superar a exploração de classe requerendo uma reestruturação da economia política para alterar a distribuição de custos e benefícios sociais” reconhecendo.

CAPÍTULO II: ASPECTOS SOCIOTERRITORIAIS E METODOLOGIA DO TRABALHO

II.1. Muquém: uma comunidade rural do planalto da Borborema

Este trabalho assenta-se sobre pesquisa de campo realizada no Distrito de Muquém (Fig. 01), situado no município de Areia, no estado da Paraíba.

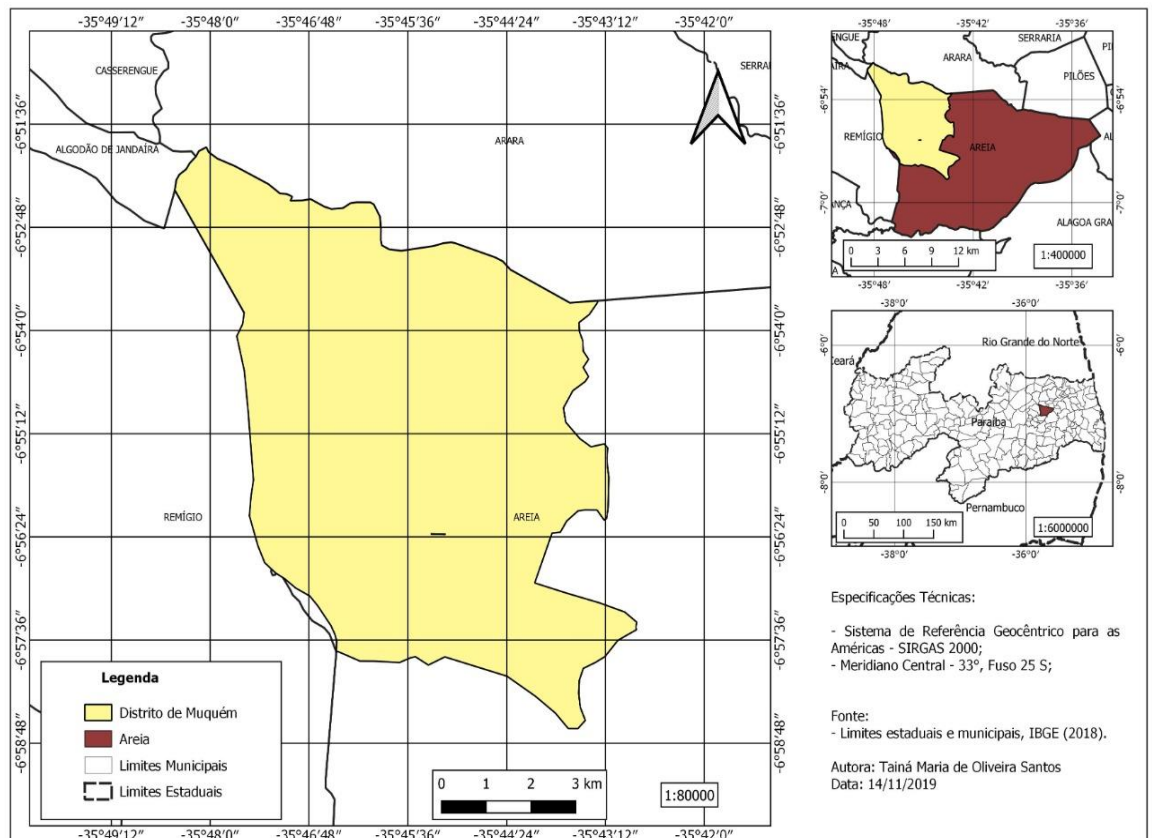


Figura 01: Localização do Distrito de Muquém. (Fonte: SANTOS, 2019)

Localizada na Mesorregião do Agreste e microrregião do brejo paraibano, pertencente ao Planalto da Borborema, o Distrito de Muquém foi criado através da Lei Estadual nº 3232, de 12 de dezembro de 1964, que definiu a existência de quatro Distritos pertencentes ao município de Areia: Muquém, Mata Limpa, Cepilho e Usina Santa Maria.

O surgimento de Muquém ocorreu com o processo de emancipação política de Remígio quando este se torna um município. Uma parcela da área desmembrada do antigo Distrito de Remígio, antes pertencente ao município de Areia, passou a conformar o atual município de Remígio. Outra parcela menor, contudo, continuou dentro dos limites territoriais de Areia, configurando o atual Distrito de Muquém.

Areia desde sua formação inicial esteve associada às rotas comerciais que potencializavam a dinâmica de ocupação e interligação do Litoral ao Sertão. Souto (2015) ressalta através da historiografia da cidade que o primeiro nome de Areia foi Sertão Bruxaxá³ onde

Areia teria iniciado vinculada ao comércio, ao trânsito de produtos, na condição de entreposto comercial. Esse primeiro aglomerado de pessoas, foi aumentando e se desenvolvendo em torno de atividades comerciais, de trocas de produtos e de gado. Foram chegando cada vez mais famílias vindas especialmente da região de Mamanguape, de Goiana (PE), ou ainda, de portugueses e seus descendentes, atraídos pelo clima e solo propício à atividade agrícola. (SOUTO, 2015, p. 36).

A economia desde o tempo do surgimento do Sertão de Bruxaxá foi fortalecida através do comércio de produtos equivalentes aos aspectos de desenvolvimento da região na época que a rota dos Tropeiros “como algodão, mandioca, fumo, feijão e milho por produtores de todas as partes da província. Enquanto que a cana-de-açúcar só chega na primeira metade do século XIX” (SOUTO, 2015, P. 38). Atualmente, as atividades econômicas estão baseadas na produção de aguardente, turismo, comércios médios e por último a agricultura de subsistência, onde a perspectiva de desenvolvimento é referente aos interesses das elites locais urbanas e rurais. Logo, centro histórico da cidade teve sua valorização através de aspectos culturais, religiosos e artísticos, com a construção de teatros, igrejas e um *campus* universitário.

O relevo de Areia (PB) é caracterizado pela predominância de morros com topos planos, várzeas e vales e tem como predomínio biogeográfico a Mata atlântica em uma altitude de aproximadamente 618 metros acima do nível do mar, assim como é observável que a concentração de tal vegetação se consiste à determinada área (como as proximidades da Mata do Pau Ferro). No que refere a área do território que o distrito está inserido, é perceptível uma variedade de vegetação que pode ser explicada através das ações humanas do desmatamento

³ Nome inspirado no nome do dono do curral e da estalagem onde ficavam os viajantes, identificado como Pedro Bruxaxá, que teria sido apontado por Simão Patrício “em crônicas aligeiradas” como o primeiro colonizador, ratificando o mito heroico. No entanto, é possível que Pedro tenha sido apenas um índio aldeado pelos primitivos colonos (SOUTO, 2015, p. 36).

para criação de gado e outros tipos de extração da natureza sem um devido reflorestamento quanto sobre o aspecto de transição da vegetação.

Logo, o Distrito de Muquém está localizado em uma região de transição entre a vegetação de mata atlântica e o semiárido, ocupando desde parcela de terra da Mata do Pau Ferro (onde se localiza a comunidade Chã do Jardim), área remanescente de mata Atlântica, até as terras das comunidades Santana e Lagoa de Barro, que fazem divisa com municípios como Remígio e Arara, onde predomina o Semiárido. O relevo é apresentado por algumas planícies que ficam acima das várzeas e que logo tem uma predominância de solos escorregadios, a presença de ladeiras, relevos baixos onde se concentra boa parte das várzeas e algumas áreas onde os morros planos se concentram. A distribuição de casas ocupa esse último tipo de relevo, onde boa parte estão distribuídas por sítios pequenos, onde se concentra atividades produtivas de subsistência.

No que se refere à formação do Distrito de Muquém, se tem apenas o registro documental de uma pesquisa realizada por Radamés (2001), através das histórias orais dos moradores, onde o nome Muquém se referia ao fato de uma anta ter sido moqueada⁴ em uma comunidade chamada Ladeira Vermelha. Nesses relatos dos mais velhos há ainda a descrição da formação, e ao mesmo tempo a distinção de Muquém em relação ao Brejo de Areia (parte urbana de Areia), como decorrência da relação de inimizade entre os povos indígenas que habitavam a região do Muquém e os Bruxaxás que ocupavam o Brejo de Areia.

A formação socioterritorial do Distrito⁵ de Muquém não se caracteriza como um aglomerado urbano, mas como o que poderíamos denominar de rural, partindo da própria classificação de seus moradores que entendem o lugar como Sítios, formações socioterritoriais tradicionais do campo nordestino brasileiro. Uma noção de Sítio, com a inicial maiúscula, que não se confunde nem com as parcelas de terra em separado das famílias nucleares localizadas em seu interior, nem tampouco com a ideia de pequena propriedade de terra, em oposição às grandes fazendas, como é comumente conhecida no Sudeste brasileiro. Um Sítio é um território

40 fato remoto de terem moqueado uma anta se deu em uma propriedade conhecida hoje como Ladeira Vermelha, pertencente na época ao Sr. Belizo Zumba, onde habitava uma anta, cujo animal não tinha movimentos nas juntas e por isso ficava sempre em pé, dormia e acordava escorada nas árvores. Certa vez ao cair no chão e por não conseguir se levantar, pegaram a anta, mataram e levaram para moquear. Esta ação, de herança indígena, é uma forma de conservar os alimentos, tira-se o couro e prepara a carne para secar sobre uma grade ou grelha de madeira. Dizem que antes deste acontecido, a região era conhecida como Pernambuco.

5 Segundo a caracterização do IBGE que define o espaço central do distrito como um aglomerado urbano, mas que se contrapõe a esta definição por não identificar que os modos de vida, tipos de atividades e fluxos são voltadas ao espaço rural.

de um grupo de pessoas, muitas vezes aparentadas entre si, que ali mora, trabalha, e se identifica como pertencente àquele lugar (WOORTMANN,1995)

Muquém é um lugar dinâmico e heterogêneo, que não se reduz a uma paisagem de casas de morada distantes entre si, e entremeadas por roçados, e a um lugar organizado a partir de atividades agropecuárias. Uma paisagem que convive com novas formações socioterritoriais, como um condomínio de campo residencial chamado Vilas de Areia e, no seu entorno, um aglomerado de novas casas próximas umas das outras, cujos moradores agregam novas atividades a seu cotidiano em conjunto ou não com a agricultura, como é o caso de pequenos mercadinhos, bodegas, cultivo de flores, lojas de roupas, salões de beleza, borracharias (Fig. 02).



Fig. 02: As duas ruas principais da parte Central do Distrito de Muquém. (Fonte: Lady, outubro de 2019)

Nessa descrição de Muquém não estamos propondo uma dicotomização rígida do uso do espaço, um destinado às atividades exclusivamente agrícolas e outro com funções “mais cidadinas”, mas a descrição de um território plural e plástico onde não apenas as atividades de seus moradores são múltiplas e dinâmicas, como a paisagem resultante da forma como seus habitantes usam e significam seu território também o é.

No que se refere as atividades de sociabilidade do Distrito, é observável a predominância de eventos na E.M.E.F. João César, assim como, festividades e romarias e caminhadas religiosas, tanto de igrejas católicas quanto evangélicas, bingos e festas nos finais de semana promovido pelos bares, e ainda, as vaquejadas. Tais tipos de atividades tradicionais são realizadas para arrecadação de dinheiro e sociabilidade de todo um coletivo. Neste caso, é possível observar como em determinadas épocas, a ocorrência dessas festividades, potencializa o comércio local com a maior procura por mercadorias, com o aumento da movimentação das bodegas e das lojas de roupa, atividades que geram lucro para algumas famílias moradoras do lugar.

No concernente à produção agrícola, o trabalho é realizado geralmente por meio da mão de obra do grupo familiar, assim como, com a contratação de alguns poucos trabalhadores pelos agricultores mais idosos, ou por algumas famílias que eventualmente ficam carentes de

mão-de-obra. Os tipos de produção são voltados para o cultivo do milho, feijão, fava, maniva, batata, jerimum e pequenas hortaliças (tudo em pequena escala). A produção agrícola é destinada predominantemente ao consumo das famílias, sendo uma pequena parcela eventualmente comercializa localmente. Isso muda apenas nos meses de junho e julho, quando as festividades juninas estão em alta, cada agricultor compartilha seus alimentos com a comunidade para fins dos festejos.

O trabalho agrícola é realizado tanto em terras próprias como em terras de outros proprietários. O sistema de uso de terras de terceiros é variável, oscilando desde situações onde o proprietário simplesmente “dá a terra” temporariamente para um vizinho colocar seu “roçado”, outras em que o uso da terra é “pago” com o trabalho no roçado do dono da terra, ou ainda, situações em que o produtor recompensa o dono da terra com parte da produção.

Considerando que a agricultura faz parte do cotidiano de trabalho dos moradores de Muquém, observou-se uma desvalorização do trabalho que envolve a plantação e o cultivo dos alimentos. Em estudo realizado por Brumer (2004) com famílias rurais do sul do Brasil, a autora destaca rupturas na representação do trabalho agrícola entre as gerações, sendo o mesmo comumente desvalorizado pelos jovens rurais. Tais rupturas procura explicar a partir da análise de três aspectos presente no campo: a reprodução social das famílias rurais, a ampliação das relações assalariadas no campo e o declínio das atividades agrícolas. Destaca, nesse processo, ademais, um fenômeno importante que é a saída do campo de parcela de filhos e filhas de agricultores.

Atualmente em Muquém boa parte dos jovens procuram atividades lucrativas fora produção agrícola. Muitos deles até trabalham na agricultura em épocas de plantio, mas finda esta atividade se locomovem para cidades próximas para obter uma renda fixa mensal. Tais jovens, diferentemente dos pais e avós dão preferência ao comércio do tipo venda de roupas, mercadinhos, salões e bares, por gerar um lucro rápido. Este tipo de comércio está vinculado ao fluxo direcionado para cidades como Campina Grande/PB e Santa Cruz do Capibaribe/PE.

II.2 – Aspectos metodológicos do trabalho

Foram realizadas inicialmente conversas informais que despertassem interesse nas mulheres em falar sobre sua condição de agricultora e também sobre suas atividades diárias ao longo de suas trajetórias de vida. A partir dessa primeira abordagem, foi possível, numa segunda abordagem de campo, a realização de entrevistas agendadas. No total, dez mulheres foram

entrevistadas, onde todas mostraram interesse em comentar sobre suas histórias de vida e conquistas pessoais, porém, apenas seis mulheres serão destacadas nesta pesquisa. As mulheres residem em Sítios distribuídos no do Distrito de Muquém, em três comunidades principais: Muquém, Tabuleiro de Muquém e Mazagão.

Percebi que elas tinham uma dificuldade em achar que suas histórias estavam “certas”, e assim, eu sempre deixei elas à vontade para falar de suas vidas através , sugerindo que não se incomodassem pois “é sua história, não tenho como falar que está errada” e as instruindo com “fale do seu jeitinho.”

A partir deste recorte, posteriormente foi ressaltado a importância das situações empíricas dentro do cenário rural que denotam às atividades de produção de alimento, trocas simbólicas e encontros destas mulheres dentro do espaço mencionado. A pesquisa tem o cunho qualitativo e enfatiza uma perspectiva feminista por dialogar através da lógica de produção e divisão social do trabalho dentro do cotidiano das mulheres.

A pesquisa foi idealizada a partir da minha aproximação e raízes vindas do meio pesquisado. A escolha sobre o Distrito de Muquém (Fig. 03) surgiu a partir das discussões feitas em disciplinas durante meu percurso no curso de graduação em Geografia, e aprofundada em algumas abordagens e teorias que descentralizam o conhecimento hegemônico e valoriza as percepções e necessidades de explorar cientificamente os nossos meios de (re)existência, tanto através do trabalho como as subjetividades das mulheres.

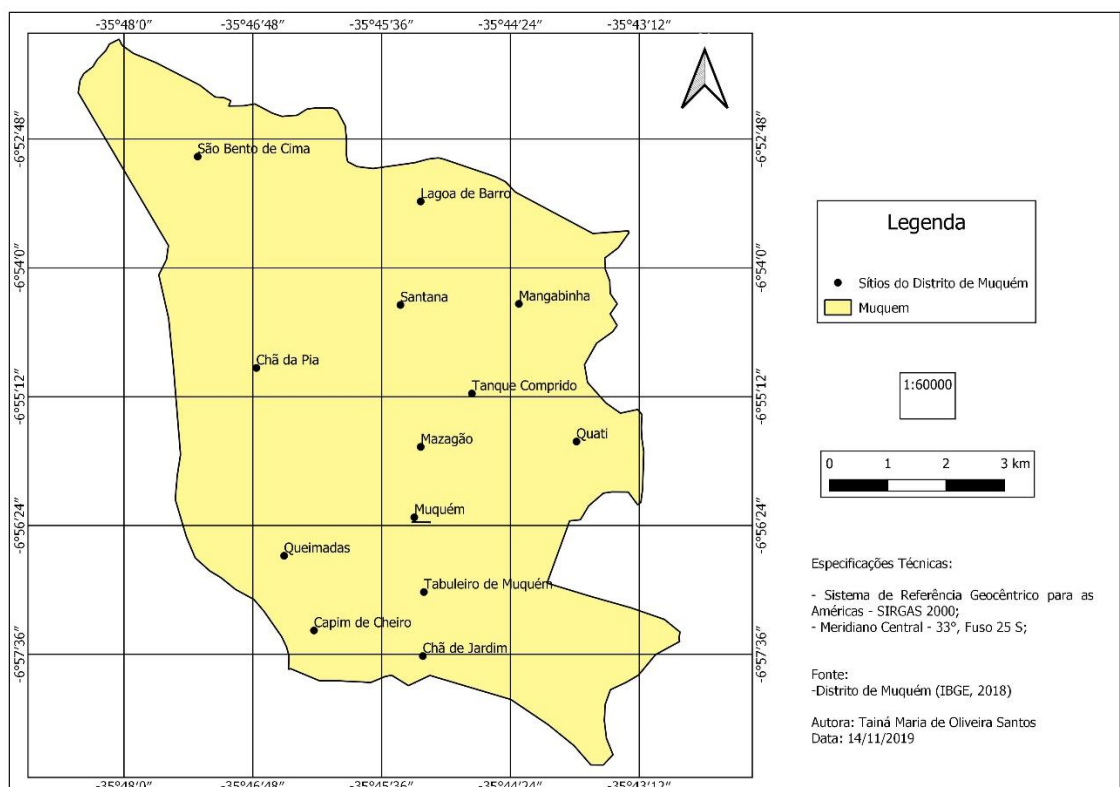


Figura 03: Comunidades pertencentes ao Distrito de Muquém (IBGE adaptado por Tainá Maria)

Assim, por morar em um Distrito de uma cidade como Areia/PB, sempre foi uma necessidade falar sobre o lugar a partir da lógica de pertencimento, procurando evidenciar ideias de cunho teórico-metodológico aplicadas ao meu contexto social. Lugar este que é rural, e que está vinculado s mulheres que precisam ser ouvidas e valorizadas a partir do seu cotidiano produtivo e reprodutivo.

A pesquisa de campo teve início com minha avó me acompanhando e questionando se era possível às mulheres conversar sobre suas vidas dentro da agricultura, contando suas histórias (Figura 4). A abordagem se pautou pelas histórias orais das mulheres rurais entrevistadas de forma que fosse possível, através das conversas, que elas se sentissem à vontade para apresentarem seus relatos, espaços e conquistas. Todos os relatos apresentados foram elaborados a partir das informações que as mesmas disponibilizaram onde algumas autorizaram as gravações e outras não. A escolha dos nomes de flores para substituir os nomes surgiu como uma forma de representar as mulheres enquanto especiais e singulares.

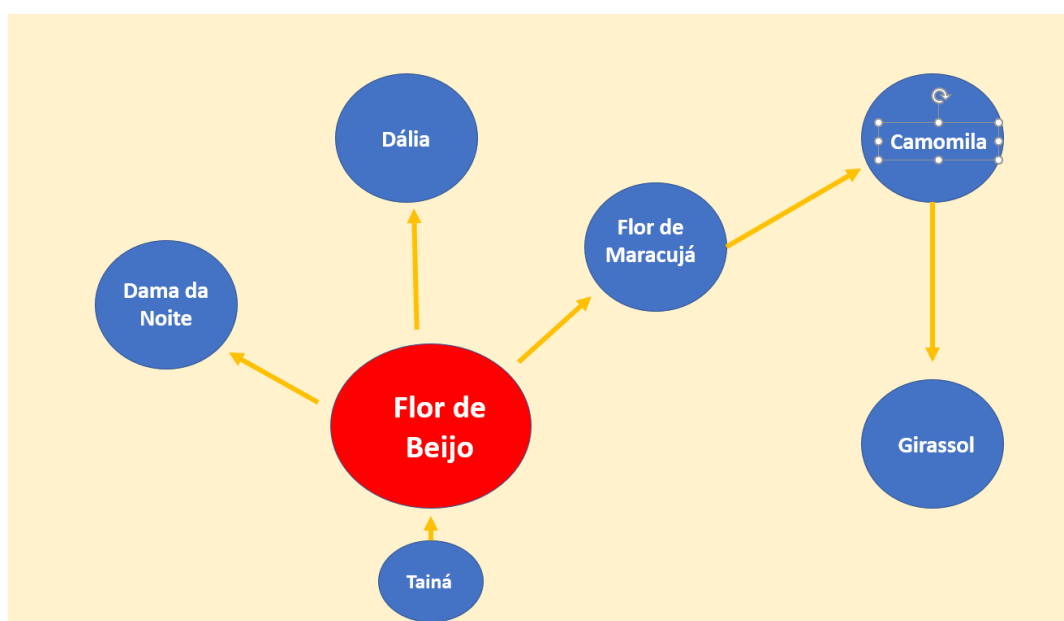


Figura 4: Representação gráfica das redes de relações de Vovó. (SANTOS, 2019)

A pesquisa, portanto, ocorreu com minha inserção numa rede de relações pré-existentes entre minha avó e essas mulheres, com as quais, inclusive, já tinha algum contato desde a infância pelo fato de ser do lugar. As conversas foram iniciadas através de questões semiestruturadas como: “gostaria que a senhora me falasse um pouco sobre sua trajetória de

vida, como mulher e como agricultora”, “como se deu a posse de terra?”, “a senhora sempre morou aqui?”, ou ainda, “como foi conseguir sua aposentadoria”.

Tratou-se de uma análise de relações sociais e familiares articuladas em rede, que partiu de um ponto que foi minha avó, espalhando-se para as pessoas a ela conectadas por meio dessa rede. As redes podem ser compreendidas a partir da lógica da complexidade apontada por Morin (1991) onde reforça que “toda inter-relação organizacional supõe a existência e o jogo de atrações, afinidades, possibilidades de ligações ou de comunicações entre elementos e indivíduos.” (MORIN, 1991, p.114).

A partir da complexidade Stamato e Moreira (2017) apontam que o conceito de redes é referente aos autores que constroem e se reconstróem a partir da complexidade social e percebem a importância da inserção das redes por nestas incluemem a ideia de metodologia participativa. Portanto, as redes podem ser compreendidas

respondendo a alguns sintomas citados por meios de práticas, mais ou menos conscientes e inovadoras, para transformação local e global. São elas: 1) redes internacionais de pensamento e ação; 2) redes regionais de economias populares sustentáveis; 3) redes associativas do terceiro setor e do terceiro sistema; 4) redes informais e condutas transversais; (STAMATO e MOREIRA, 2017, p. 166-168).

CAPITULO II: AS MULHERES RURAIS E SUAS TERRITORIALIDADES

Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como ‘cabeça’ da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isso, não afirmo. (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2005).

Este capítulo trata das experiências, os modos de vida, as trajetórias, as afetividades e as memórias das mulheres em seus espaços de circulação cotidianos. Aborda, portanto, as territorialidades e o território dessas mulheres.

Ademais, territórios representados a partir de croquis produzidos por mim em conjunto com seus filhos e netos (representados através das figuras 12 entre outras). Por meio de mapas mentais elaborados por meus interlocutores representam seus espaços de vida e circulação, através da identificação e delimitação dos lugares de acordo com o que entendem ser relevante mostrar como plantações, casas de moradia, áreas comuns e de sociabilidade, dentre outros espaços. Logo, percebemos o quanto esses territórios são diversos, como se deu e se dá sua

ocupação, os caminhos que percorreram/percorrem e suas relações históricas de convívio, através de espaços em comum, como a Piáca, os roçados e as estradas.

Todas as seis mulheres entrevistadas têm sua trajetória de vida ligadas ao campo e à agricultura, onde trabalham desde os 7 anos de idade. O acesso à terra ocorreu através de alguma estrutura patriarcal, por meio da herança do pai, do casamento ou por área cedida por alguns proprietários do sexo masculino. Atualmente cinco delas estão aposentadas, exceto Girassol, a mais jovem, que além de continuar na lida agrícola, é atuante na Associação dos Trabalhadores Rurais do Tabuleiro. Todas têm relações sociais construídas por meio de suas atividades cotidianas, seja da costura, do artesanato, da agricultura ou de seus saberes cosmológicos.

Na análise que se segue todo o trabalho realizado pelas mulheres foi considerado, seja o tempo de cuidado com as plantas de casa ou o roçado, e o trabalho compartilhado, seja realizado por algum integrante da família, mas supervisionados por elas.

II.1 - Camomila

Camomila⁶ tem 67 anos, artesã, agricultora e líder religiosa, Camomila é a primeira apresentada residente da Comunidade do Mazagão. Através da suas costuras com bonecas e colchas de retalhos costura suas histórias e trajetórias como mulher. É casada com Cícero e atualmente vive no sítio Mazagão, onde apenas os dois compartilham o espaço da casa, após seus filhos (no total nove filhos e sete sobrinhos) formarem suas próprias famílias e partirem para morar em outras cidades. Ao ser questionada sobre sua vida de trabalho no ramo da agricultura, a mesma conta que esta teve início no sítio Tanque Comprido. E descreve quais tipos de atividades eram realizadas

sempre ajudei meu pai e minha mãe na roça. Estudava pela manhã, mas quando chegava da escola pegava o almoço que minha irmã tinha feito e ia pra o roçado trabalhar durante a parte da tarde. Lá nos plantava algodão, milho, feijão, fava, cebola, alho e coentro, e tudo isso era vendido na feira de Remígio para conseguir comprar outros tipos de comidas que não dava pra serem tiradas do roçado como a carne e

⁶ Maria do Mazagão

outros tempos (Entrevista realizada com Camomila, na sua casa em 06 de novembro de 2019)

O conhecimento que Camomila tem da agricultura surgiu a partir deste meio, que é também o das relações familiares. Afirma que desde o tempo que trabalhava com seu pai até o momento atual, há etapas como o plantio e a colheita onde se exige um esforço maior de trabalho, quando todos os membros familiares são envolvidos no trabalho, incluindo-se mulheres e crianças.

Nas primeiras chuvas do ano é o momento que a gente prepara a terra para o plantio, descampa, tirando alguns matos que ficaram do ano passado. Quando prepara a terra, seja arando ou colocando um estrumo, é o momento de plantar o milho, o feijão, a cebola e o alho. Cícero limpa, faz as covas e os lerão, eu planto as sementes e algumas ramas de batata. O alho e a cebola devem ser plantados neste momento por conta das chuvas, para que ela cresça muito e pegue bastante água. O mesmo jeito é o milho e a fava, o milho precisa crescer primeiro para dar espaço para a fava subir.

O atual espaço em que ela se encontra pertence ao seu marido, Cícero. Ambos são atuantes na comunidade pelo fato de serem missionários e seu espaço está localizado ao lado do Centro Stº Antônio (Fig. 05), que é um espaço onde ocorrem encontros religiosos, cirandas, cantorias e de eventos no geral que a comunidade do Mazagão possa realizar. Explica Camomila que

o centro Santo Antônio foi criado a partir do interesse das mulheres do grupo Legião de Maria com os trabalhadores rurais. De início, a gente tinha interesse em organizar reuniões para os trabalhadores do campo sempre aos domingos (...) aí nessas reuniões todo mundo mostrava suas ideias, como tinha sido a plantação, distribuía mudas de plantas que o sindicato de Areia mandava e outras coisas como a importância de ser associada para conseguir a aposentadoria como agricultores



Fig. 05: Centro Santo Antônio. (Foto: Tainá Maria)

Sua casa é materializada em duas casas. A primeira que ela criou todos os seus filhos é uma casa de taipa que já era da família do seu marido antes dela casar. Sua relação com a casa corresponde à função que ela tem com relação a atual casa, a mesma construída em pouco menos de cinco anos.

Meus filhos até mandam eu derrubar a casa velha, mas ela tá aqui pra guardar o milho, feijão, a fava e até deixar uns pintinhos guardados. Eu tenho muito apego à casa onde criei meus filhos e é uma casa mais simples. A casa nova foi construída por nós, Cícero ajudou na construção, mas o dinheiro veio a partir dos nossos filhos, porque quando eles veem com meus netos precisam de um espaço maior, e a casa velha não dar o conforto para eles e sua família



Fig. 06: Casa velha apresentada pela cor amarela e a casa nova na cor rosa. (Foto: Tainá Maria)

A vida de Camomila sempre esteve associada ao espaço da sua casa com relação ao trabalho com o roçado. Atualmente, seu roçado (Fig. 07) localiza-se nos arredores da sua casa, ocupando um espaço que se caracteriza com a plantação de várias culturas e o manejo do solo.



Fig. 07: Parte do roçado após a colheita do milho e feijão mulatinho (no roçado pode-se observar uma construção que futuramente será o galinheiro). (Foto: SANTOS, 2019)

O roçado se organiza pelos arredores de sua casa, no entanto, a dedicação sobre as plantas não se resume apenas ao roçado.

Temos banana, goiaba, acerola, caju, manga e minhas flores e outras plantas ornamentais e medicinais. Nunca falta nada, sempre tem alguma coisinha que a gente colhe. Tem os ovos das galinhas, a própria galinha que a gente se alimenta quando ela está grande. No roçado a gente planta milho, feijão, fava e rama de batata. Do lado do centro a gente faz o lerão, mas na parte que tem mais ladeira, a gente faz a cova e planta as mesmas plantas, menos a batata, mas tem o jerimum. Quando não tem nada pra colher, a gente coloca as cabras pra comer o que sobrou. Quando é no tempo da colheita, tudo fica na casa velha, fica uma bagunça, mas a gente organiza depois e guarda tudo no silo e nas garrafas.”

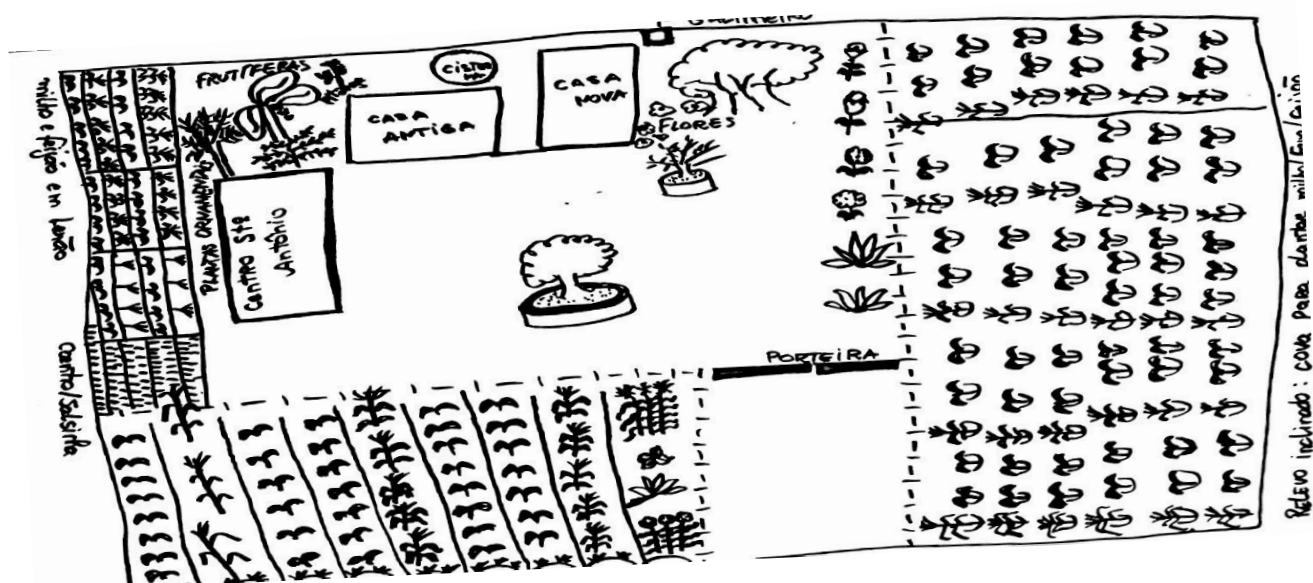


Fig. 08: Mapa mental de Camomila (SANTOS, 2019)

Sobre o roçado ela explica a necessidade de manter a vegetação que cresce posteriormente, mas sente vergonha por seu roçado não estar *bonito* como estava no tempo das chuvas. Segundo ela:

a gente precisa deixar o mato crescer para que ele ajude a terra para plantar no ano que vem. Agora só tem a fava pra colher e o feijão macassa. Antes de colher o milho a gente quebra ele para que ele não apodreça com as chuvas, mas na colheita a gente apanha com a mão e coloca no saco e deixa na casa velha para bater e depois guardar nos silos, sacos e garrafas. Os da garrafa é para plantar no ano que vem e os guardados nos sacos e o restante é para o consumo. Hoje em dia a gente não vende e as vezes aparece algumas pessoas da família para visitar e a gente dar

Sobre suas atividades diárias, assim descreve:

acordo de 6:00, varro os terreiros, depois vou cuidar do café e colocar o feijão no fogo (Fig.08). Enquanto isso, Cícero vai cuidar das cabras como alimentar e colocar elas em alguma parte do roçado e também alimenta as galinhas. Durante a manhã o trabalho da casa não para, tem sempre uma louça pra lavar, varrer a casa, lavar uma roupa. Hoje em dia eu cuido da minha tia que está saiu do hospital recentemente, ai já tenho a ajuda de outra menina, uma vizinha, para conseguir dar o banho nela. Mas

fora isso a gente costuma almoçar de 12:30 e eu termino toda a atividade da casa por no máximo 13:00.

Camomila também ressalta através de sua memória como era organizado o seu cotidiano antes das facilidades que ela considera ter hoje em dia, como o acesso à água e a luz

antes quando a gente não tinha água encanada, juntava toda a família para irmos para uma cacimba chamada Piáca. Levantava cedo, de 5:00 para poder conseguir um canto pra lavar as roupas. Enquanto isso, os meninos colocavam a água com o burro, pra os animais e pra gente consumir em casa. Voltava antes do almoço ficar pronto, enquanto alguns dos meus filhos estudavam e outros como a minha filha mais velha, ficava cuidando do almoço.

O tempo dedicado às atividades domésticas ocupam sua manhã e mesmo com o tamanho da quantidade de atividades desenvolvidas, Camomila sempre apresenta em seu discurso o termo da ajuda tanto no trabalho do roçado quanto no trabalho doméstico. Atividades como ir na cidade resolver alguns assuntos não são tão cotidianas, porém, é algo sempre planejado pelo motivo de não deixar a casa sozinha ou por conta do cuidado com seus animais. Durante o período da tarde ela se dedica ao trabalho com o artesanato (Fig.10, onde este conciliado com atividades de alimentação (como por exemplo, o jantar) é o trabalho que ela não tem hora para terminar.



Fig. 09: Feijão de Camomila no fogo às 7:00 da manhã. (Foto: Tainá Maria, 2019)

Sobre suas atividades não agrícolas explica:

eu não costumo dormir durante a tarde. É o tempo que eu tenho para fazer meu artesanato com minhas bonecas de pano e colchas. Trabalho com a costura de retalhos e acho muito lindo esse trabalho que eu faço, por motivo de aproveitar o que sobra de material e as bonecas, por exemplo, são feitas com pouco pano. Eu geralmente peço para as pessoas que trabalham com costura de roupa, que separem os retalhos para que eu possa fazer minhas bonecas, colchas ou qualquer coisa que pedirem para fazer. Geralmente, eu vendo uma colcha por R\$500,00 e sempre é feita através de encomenda, já as bonecas variam nos preços, porque varia o tamanho, mas eu coloco no Restaurante Vó Maria para expor lá para ser vendida.



Fig. 10: Espaço de trabalho dedicado as costuras de Camomila. (Fonte: Tainá Maria, 2019)

Camomila também ressalta o importante papel da associação dos trabalhadores rurais da Santana⁷ para ela se aposentar. Após a aposentadoria, ela afirma a melhora de condição, tanto do poder sobre a compra quanto para a elaboração dos seus projetos com o artesanato.

II. 2 - Flor de Maracujá

Com 80 anos e residente na comunidade Mazagão, Flor de Maracujá⁸ é agricultora e sempre está dialogando com pessoas, seja através do comércio ou é casada tem dois filhos e três netos e mora com seu marido, sua filha e uma de suas netas. O acesso da terra que mora se deu através da compra que seu pai fez quando ela era ainda criança. A casa de tijolo onde reside foi construída em 1960 (Fig.11). Assim conta como sua famílias chegou na terra.

Eu tinha 5 anos quando meu pai comprou 1 hectare e meio de terra no sítio Mazagão. Meu acesso à terra veio a partir da herança deixada pelo meu pai, onde eu dividi com meu irmão. Minha família tem origem de um sítio chamado Tanque Comprido, mas para trabalhar mesmo com a agricultura eu comecei aos 12 anos de idade, plantando em uma pequena parte do roçado do meu pai, milho, feijão, batata. Quando meu pai

⁷ Outra comunidade próxima ao Mazagão, pertencente ao Distrito de Muquém.

⁸ Zefinha

morreu, continuei plantando as mesmas plantas (entrevista realizada com Flor de Maracujá em sua casa no sítio Mazagão, 13/10/2019).



Fig. 11: Frente da Casa de Flor de Maracujá (SANTOS, 2019)

A relação de Flor de Maracujá com o trabalho na agricultura e com a lida de pequenos animais (Fig. 12) vem da tradição da família, mas a influência sobre gestão surgiu da mãe, que elaborava toda a administração tanto da economia do lar quanto ao que era produzido no roçado. Quando criança não teve oportunidade de estudar, Casou-se há 50 anos e seu esforço, através do trabalho na agricultura, permitiu a ela o aumento da sua propriedade através da compra de terra. Atualmente, ela paga um trabalhador para *cavar o lerão*⁹ assim como o mesmo tem direito à uma parte da produção. Assim explica sua trajetória de trabalho:

Através do meu trabalho no roçado, criando porco e galinha, consegui guardar um dinheiro para comprar mais dois hectares de terra, ficando quase quatro hectares de terra. Meu marido ajudou em uma pequena parte da compra, mas todo o espaço que tenho veio através dos meus esforços. Hoje em dia eu planto mais pra o consumo, vendo umas galinhas, peru e cuido de um porco para vender no final do ano. Só não cuido de mais animais por conta do tamanho da terra, e também não tenho mais idade para me esforçar tanto. Eu pago a um moço que mora na Santana pra cavar lerão e fazer as covas, mas se eu colher três sacos de feijão, ele fica com um saco. Geralmente os meus netos pequenos e minha filha me ajudam a plantar as sementes.

⁹ *Cavar no lerão* significa arar a terra, cavando-a e posteriormente formando canteiros ondulados que evitam a erosão do solo.



Fig. 12: Aves que Flor de Maracujá cria. (SANTOS, 2019)

Flor de Maracujá tem grande popularidade na comunidade do Mazagão, visto que sua casa é um local conhecido pelas festas e quadrilhas que ela e seus filhos organizavam durante o período junino. Ela é também famosa pela prática de rezar nas pessoas. Ao descrever sua casa e os usos da mesma diz:

Minha casa tem três quartos, mas no começo só tinha um quarto só. Ao longo do tempo a gente foi reformando e hoje tem duas cozinhas, dois banheiros mais um no lado de fora perto da lavanderia. Eu costumo ficar na cozinha da parte de trás, porque tenho mais acesso à faxina das galinhas e ao chiqueiro do porco. Gosto muito de plantas também, por isso, sempre que posso estou fazendo uma muda para colocar em um vaso [...]

Meus filhos gostavam de organizar umas festas, eu geralmente ficava com no bar para vender algumas bebidas. As festas de São João davam muita gente, de todos os lugares. A gente organizava uma quadrilha com os jovens da comunidade e sempre tinha uma apresentação do casamento estilo matuto (...) o pessoal também me conhece porque eu faço algumas rezas de olhado quebrante e espinhela caída. Isso é costume do povo antigo, aprendi com minha mãe também.

Sua rotina com os cuidados domésticos seguem uma determinada rotina, assim com as atividades com o roçado e animais, pois exige mais demanda e cuidados. Por este motivo, Flor de Maracujá atenção para seu trabalho cotidiano, reforçando a descrição da sua rotina onde é ressaltado que ela faz as mesmas atividades desde adolescente, e após o casamento, o trabalho triplicou.

Acordo de 5:00 pra fazer o café porque minha filha é professora e dar aula de manhã. Vou varrer o terreiro enquanto o sol não fica quente, dou de comer ao porco, as

galinhas. Quase todo dia tem alguma roupa pra lavar, mas minha nora as vezes me ajuda nesse trabalho. Passo o dia resolvendo alguma coisa, seja indo na rua (cidade de Areia) ou arrumando alguma parte da casa. Hiolanda e Neném são as responsáveis por arrumar a casa, mas eu me dedico à alimentação, colocando o almoço no fogo quando tenho tempo. As vezes o almoço sai tarde, pelas 13:00, mas depende do tipo de serviço que eu preciso fazer. Se for o caso de ir pra cidade, só chego de 11:00, mas não tem ninguém em casa, todo mundo trabalha ou estuda, e assim, eu sou carregada de atividades o dia todo.

Flor de Maracujá demonstra preocupação na alimentação dos filhos e netos (completar o que quer dizer com isso). Por outro lado, fica envergonhada ao oferecer almoço para os de fora da família. Ao me oferecer almoço durante o tempo da pesquisa, disse *tadinha de Tainá, só vem pra cá quando a comida não presta*. Tal relação de acolhimento e ao mesmo tempo vergonha com pessoas de fora se deve ao fato das pessoas que residem em áreas rurais acreditarem que o correto é oferecer sempre o que tem de melhor para alguma visita, seja através da atenção ou de uma “boa” comida. A comida, descrita negativamente por Flor de Maracujá por “não ter tempero” reflete claramente a sobrecarga de atividades, descrito pela mesma

[...] não consigo me alimentar bem, tenho fastio muito grande e as vezes nem almoço, belisco aqui e belisco ali, e só consigo jantar. Por isso gosto de cuidar das minhas plantas (Fig. 13), são a minha paixão. Gosto de fazer mudas, plantar sementes e plantar algumas ervas que servem para fazer chá, como camomila, erva-doce, cidreira, e também gosto de manjerição. Gosto de plantas e gosto de plantar. A minha maior distração é na agricultura, nos animais e nas plantas.”

Acerca da sua aposentadoria, ela aponta como a vida melhorou após receber o benefício, assim como, relata que não teve dificuldades para se aposentar, diferente de outras mulheres da região.

Depois que meu aposento saiu, consegui realizar muitos planos. Não tive dificuldade pra me aposentar porque eu possuía o papel do INCRA em meu nome. Me aposentei com 55 anos e Noêmia do sindicato ajudou muito a resolver as burocracias do INSS. O aposento pra gente que passa a vida toda trabalhando no roçado é uma benção. Deu pra pagar as pessoas pra fazer os serviços no roçado e várias outras condições. Aqui sou eu e meu marido que recebemos a aposentadoria, depois dessa conquista, tudo mudou na nossa casa, pois não falta comida nem mistura, as vezes até falta alguma coisa, mas não é um problema pra gente.



**Fig. 13: Flor de Maracujá atrás da sua casa, espaço dedicado ao cuidado de plantas.
(SANTOS, 2019)**

A organização das atividades relacionadas ao roçado está distribuída em todo território pertencente a ela (Fig.14). Enfatiza a divisão interna de sua terra, caracterizando os diferentes lugares conforme o tipo de cultivo. Segundo ela:

o feijão eu posso plantar em todo lugar. Esse ano eu não plantei na parte de trás da casa, sempre mudo dependendo do inverno. As manivas sempre ficaram na parte dos barreiros, o milho também planto em qualquer parte, vai depender da quantidade de sementes que eu consigo guardar. Geralmente quando faz a colheita do milho, deixo na lavanderia antes de guardar no silo, mas, quando bato o feijão, por exemplo, antes de guardar nas garrafas a gente já consome.

Ademais, os espaços destacados por ela refletem seu trânsito diário e a ele associados sua dedicação e força de trabalho.

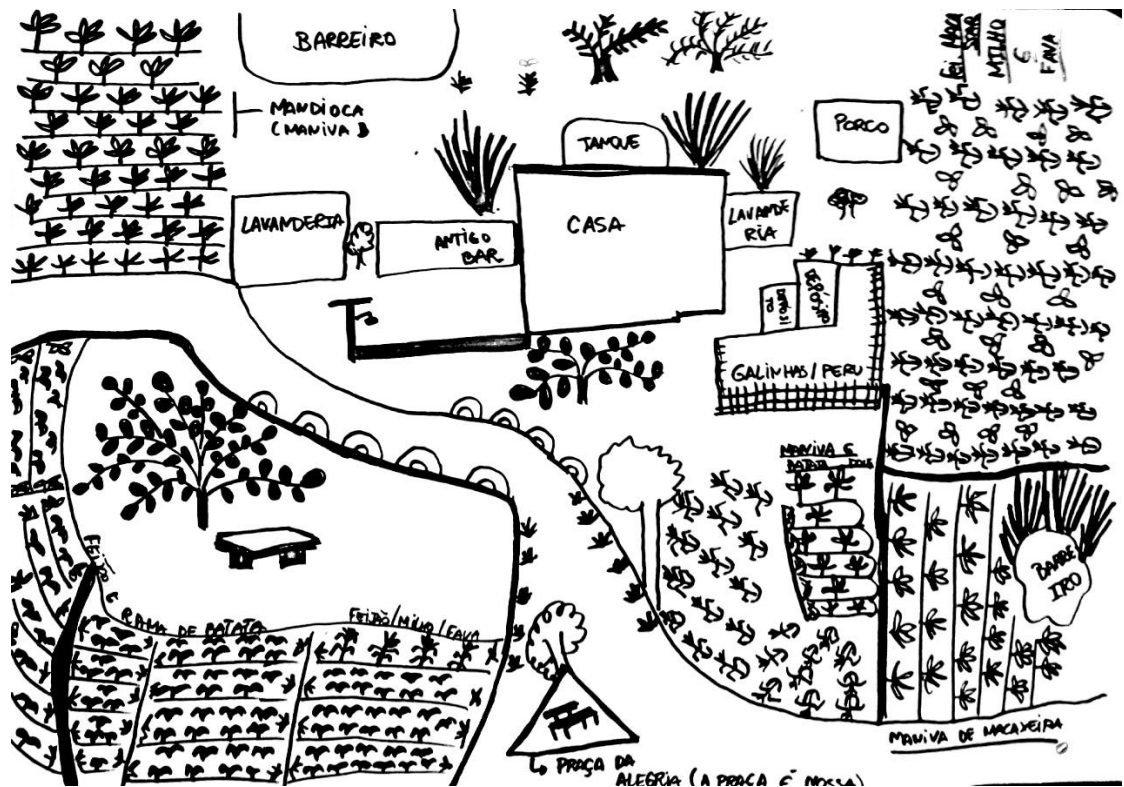


Fig. 14: Mapa mental de Flor de Maracujá. (Outubro, 2019)

II.3 - Flor de Beijo

Aposentada como agricultora e com 76 anos, a trajetória de vida de Flor de Beijo¹⁰ foi agricultora, costureira e tem o hábito de frequentar as feiras por este ser um espaço que ela mantém relações de amizades, conversas e consumo. Sua vida sempre esteve sempre relacionada sempre ao Mazagão, onde nasceu e viveu durante sua história. Conta que sua mãe veio do sítio Guaribas, e quando casou com o seu pai (este residia no Distrito de Muquém) veio morar no Muquém. Depois, antes mesmo dela nascer, explica que seu pai trocou uma pequena parte de terra que se concentrava no centro do Distrito de Muquém por um lugar mais afastado, atendendo a uma proposta de sua mãe, para que ele deixasse de trabalhar em terras distantes, pois a terra da parte do Muquém era menor e muito movimentado. Assim, eles venderam a parte da terra do Muquém, e trocaram por uma parte de terra maior com um cara chamado Zé Tintino.

A lida na agricultura esteve presente em seu cotidiano desde muito cedo. Explica que:

o trabalho com o roçado foi desde criança, eu lembro que desde os 7 anos eu fazia pequenas atividades como semear o a fava junto com o milho, plantava o feijão com

¹⁰ Virgínia.

os meus dedos pequenos e também gostava de plantar alho e cebola, eu estudei pouco e aprendi pouco. Quando adulta, continuei trabalhando no roçado juntamente com minha irmã, plantava agave, algodão, milho, feijão, maniva de mandioca e de macaxeira, até os 24 anos (Entrevista realizada com Flor do Beijo, sua casa no Mazagão no dia 15/10/2019)

Em seu caso, o acesso à pequena propriedade se deu através da herança de seu pai, onde a terra foi dividida entre os irmãos. Os homens da família (seus irmãos) se casaram e saíram da propriedade, mas as mulheres, mesmo após o casamento, ao se separarem, voltaram a morar com a mãe que também estava viúva, e a partir da agricultura, criação de animais construíram sua economia

No meu caso, casei com 24 anos e fui morar em João Pessoa. Casei muito nova, mas meu casamento durou apenas oito meses. Nesse intervalo de tempo, arrumei uma filha, mas criei ela sem o pai. Quando ela nasceu, trouxe ela pra o sítio, onde minha mãe e minha irmã Bonita cuidaram dela. Voltei para a capital e comecei a trabalhar na casa de uma portuguesa. Lá eu trabalhava como doméstica, fazendo comida e limpando a casa durante dois anos. Depois voltei para casa da minha mãe e estou aqui até hoje

Flor de Beijo, ao se separar e voltar para a casa da mãe, ocasião em que seu pai já era falecido, passou a dedicar seu tempo para fazer o trabalho da casa, assim como também voltou para o trabalho na agricultura. Mas sua renda como mulher, mãe e solteira não permitia que ela criasse sua filha apenas com o trabalho da agricultura, e passou a ser também costureira. Assim descreve sua trajetória:

depois que me tornei mãe, a vida não foi fácil. Sempre fiz de tudo pra dar educação para Sandra, mas como eu precisava ajudar minha mãe nas tarefas de casa, eu acordava muito cedo (5:00) para fazer as atividades do roçado, que era muito pequeno diferente do de Bonita, que sempre gostou de trabalhar com a agricultura. Assim, eu aprendi a costurar e comecei a fazer roupas para as pessoas da região. Era um dinheiro a mais e o roçado de mulher que é mãe e solteira não dá pra muita coisa, eu só trabalhava porque gostava mesmo

Sua casa era inicialmente de taipa. Por volta de 1970 construiu, juntamente com sua mãe e irmã, uma casa nova de alvenaria (Fig. 13), com dois quartos e um banheiro fora de casa.

Destaca em sua trajetória como suas atividades cotidianas se modificaram pela chegada da energia elétrica em 1997 e da água encanada em 2000. A seguir sua descrição de um tempo antes da luz e da água encanada:

quando não tinha água encanada, saíamos eu, Bonita, mamãe e minhas primas que moravam aqui na gruta pra ir buscar água na Piáca. Mas as vezes quando a gente chegava lá a água estava baldeada, porque vinha gente de todo lugar. Neste caso, a gente ia buscar água lá na Baixa da Égua, onde tem até hoje muito mais olho d'água

e onde fizeram a barragem que vem água pra nossa casa. Saíamos de madrugada e a água que trazia pra casa era pra cozinhar, tomar banho e beber. Também lavava roupa no olho d'água. Já com a energia, o que mais eu precisava era para a costura nos tempos das festas de junho e final de ano, quando tinha muita roupa pra fazer e junto mamãe, Bonita e Sandra, passávamos a noite inteira costurando à luz de gás



Fig. 15: Casa atual de alvenaria de Flor de Beijo (SANTOS, 2019)

A sua casa fica após a Fazenda de Dr. Mariz, não fica próxima da estrada do Mazagão. O espaço de sua casa é ocupado por ela através de suas atividades “seja andando na casinha, nas minhas plantas ou ao redor de casa, na parte de trás, eu fico pra lá e pra cá”. A casa que fica suas atividades de costura e alimentação é arrodada por abelhas e galinhas, lugares estes que Flor de Beijo costuma trabalhar também.

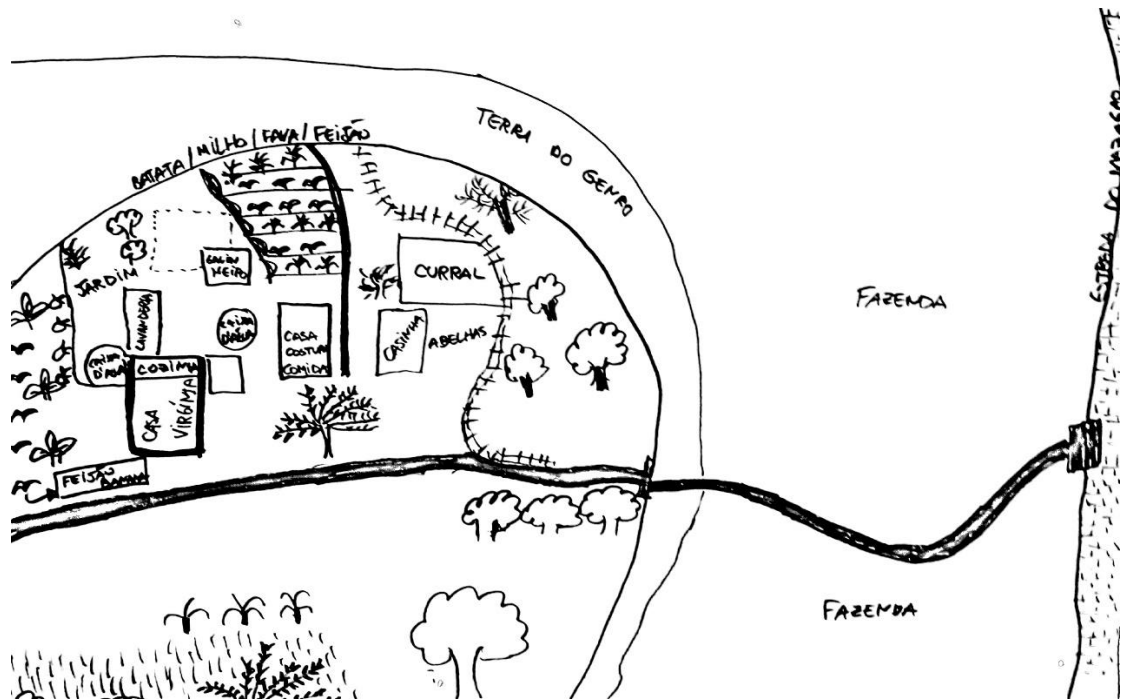


Fig. 16: Mapa mental de Flor de Beijo (Outubro, 2019)

O tipo de trabalho que ela começou a praticar após o falecimento da sua mãe esteve voltado para as atividades domésticas, gestão e administração da economia da casa, educação para sua filha, roçado e principalmente a costura (Fig. 14). Neste caso, as múltiplas atividades exercidas por Flor de Beijo estão vinculadas ao trabalho doméstico, ao trabalho com a agricultura e à costura.

Mas antes do falecimento da mãe seu trabalho incluía a agricultura. Assim observa:

o meu roçado era pra o consumo da casa, mas eu também ajudava minha irmã quando possível, as vezes pra debulhar um feijão, milho, mas minha dedicação também estava mais com a casa, fazendo comida e cuidando das pequenas plantas (flores e medicinais). Também era responsável por realizar a feira aos domingos, indo pra Remígio, mas agora minha filha que é responsável por isto. Quando ia pra Remígio, costumava pegar o carro cedo, antes das 6:00, pois o dia de Domingo é dedicado para visitar os amigos, entregar alguma costura e fazer a feira



Fig.17: Flor de Beijo costurando (SANTOS, 2019)

Atualmente, Flor de Beijo não trabalha com o roçado em grandes proporções, visto que sua irmã (Bonita) ficou doente e não conseguiu construir um roçado nos últimos anos, mas suas atividades estão vinculadas à uma pequena produção, seja está com animais pequenos (Fig. 18), costura e o cultivo. Explica:

Já trabalhei muito, hoje em dia depois de aposentada, diminuiu a quantidade de trabalho. Gosto de levantar de 5:30, criar galinhas, mas só para o consumo de casa e para não desperdiçar comida. Hoje em dia a única forma de cultivo que trabalho é o cuidado com pequenas plantas, que consigo com as minhas colegas ou compro flores específicas. Sou responsável por fazer a comida, mas quando saio de casa as meninas cuidam do almoço, mas a janta é minha. Só não cuido em fazer comida quando estou doente, e mesmo assim sou muito teimosa. Cutuco aqui, cutuco ali, sempre estou ocupada fazendo alguma coisa. Durante a tarde gosto de tirar um cochilo depois do almoço, e mesmo com poucas tarefas e até costura, dedico meu tempo fazendo panos de prato, poucas peças de roupa e cuidando da janta



Fig. 18: Galinheiro e por trás fica as galinhas de Flor de Beijo. (SANTOS, 2019)

Sobre a sua aposentadoria, Flor de Beijo conta que foi difícil conseguir, pois não queriam considerar seu trabalho como agricultora, desconsiderando sua vivência e modo de vida. Isso acredita se deve ao fato de que, de um lado, era reconhecida principalmente como costureira e, de outro, porque a terra que trabalhava não tinha o seu nome, pois está tinha o nome da sua mãe, este diferente dos sobrenomes de todos os filhos. Lembra que foi difícil conseguir o benefício. Mas, após sua obtenção conseguiu se estabelecer financeiramente e realizar alguns projetos, comprar alimentos e objetos para sua casa, assim como, reformar e aumentar a casa (juntamente com sua irmã Bonita e sua filha Sandra para alojar melhor a família de sua filha de sangue e a de criação (Lady)

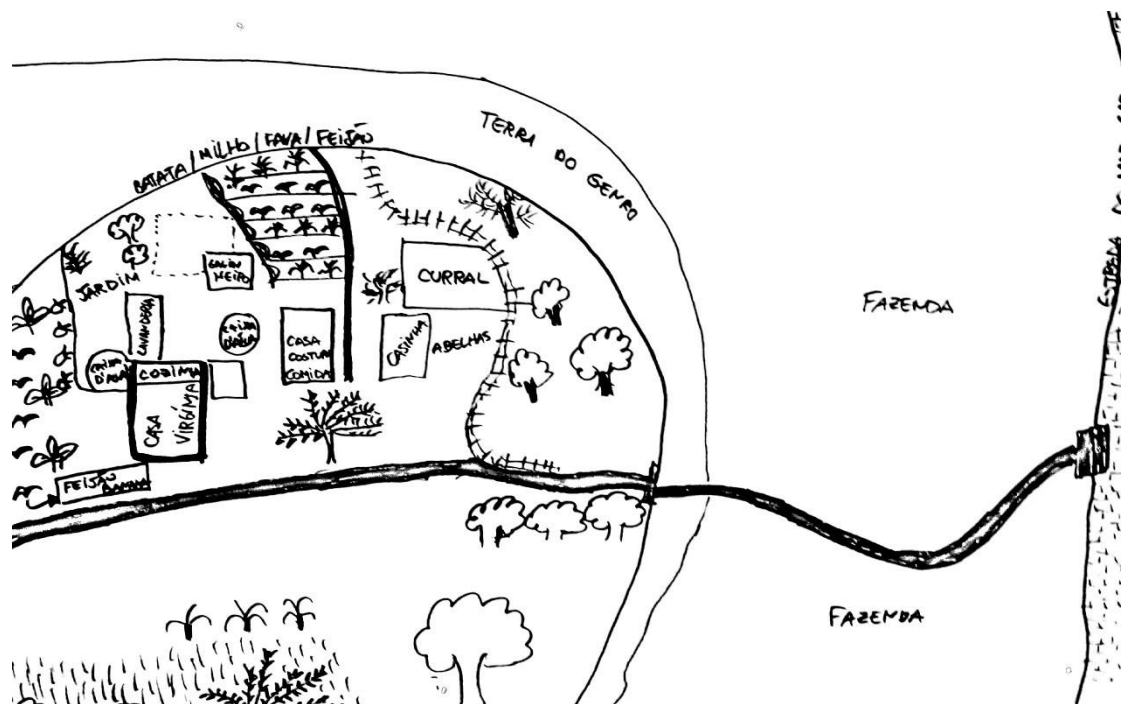


Fig.19: Mapa Mental de Flor de Beijo (outubro, 2019)

II.4 - Dama da Noite

Aposentada como agricultora, *Dama da Noite*¹¹ é Agricultora e aposentada, trabalha com o roçado por considerar orgulhosa pelo mesmo tem 61 anos e há 33 anos reside na vila São Francisco em casa própria. *Dama da Noite* começou a trabalhar desde os 11 anos no alugado, fora o tempo que trabalhava juntamente com sua falecida mãe, Ana.

Sempre trabalhei para os outros, nas terras dos outros e mesmo assim nunca tive vergonha. Comecei limpando cana nas terras de Carrim, ganhando muito pouco e nem lembro mais se o que eu ganhava vale hoje. Com 14 anos fui trabalhar para Zé Tintino, cavando terra, arrancado capim. Isso tudo lá no Sítio Lino

Em virtude das duras condições de vida e por causa da grande quantidade de irmãos foi obrigada a trabalhar cedo, nas terras de grandes proprietários juntamente com sua família. Seus irmãos foram distribuídos por algumas casas, ou casaram muito jovens, mas a mesma tem orgulho em afirmar que nunca chegou a casar e prefere ser independente de tal tipo de relação.

Tive três filhas, todas de pais diferentes. Nunca precisei de homem para me sustentar, mas o preço de tudo é o trabalho duro que não para. Também criei alguns sobrinhos, mas o meu trabalho com a agricultura foi um difícil porque eu nunca tive terra própria, mas foi com o roçado que consegui criar todos e mesmo aposentada eu continuo

¹¹ Marizete.

trabalhando no roçado (Entrevista realizada com Dama da Noite em sua casa na Vila São Francisco, Distrito de Muquém,, 14/10/2019)

Sua atual casa ocupa uma pequena área de 6 metros quadrados ao lado de uma igreja da Assembleia de Deus. Este terreno que ela construiu sua casa foi doado por uma dona de Fazenda próxima, conhecida como Dona Zélia. Inicialmente sua casa era de taipa, até conseguir o benefício da aposentadoria e construir sua casa de tijolo, isso por volta do ano de 2001. A estrutura de sua casa é constituída por duas salas, três quartos, um banheiro e dois tipos de cozinha

a cozinha no lado de fora é o fogão de lenha. Cozinha apenas com o gás é um valor muito caro e sempre tem umas comidas que demoram mais no fogo. Como eu trabalho pelos roçados, sempre que posso, cato alguma lenha de alguma árvore caída. Nunca cheguei a derrubar nenhuma mata para plantar nem para catar a lenha, eu acho que minha relação com a natureza é de respeito. A casa construída de tijolo deu um conforto a mais para meus filhos, netos e genros, mas hoje em dia, moro sozinha e tenho a companhia dos meus netos para dormir, mas nunca estou sozinha (Entrevista realizada com Dama da Noite em sua casa na Vila São Francisco)

Por morar na área central do Distrito de Muquém, e por não dispor de terra de trabalho, seu trabalho como agricultora sempre se deu em lugares um pouco distantes de sua casa, em terras de outras pessoas. As duas caminham juntas para o roçado, ambas compartilham o mesmo local de trabalho. Logo, durante a manhã as mesmas percorrem pelo caminho em direção ao roçado e fazem suas atividades como limpar o roçado, plantar e colher dependendo da época, mas não se limita a isso. Elas também trabalham nas plantações do homem que “emprestou” a parte de terra do roçado, em troca de trabalho. (Fig.17)

Atualmente trabalha em uma terra *emprestada* juntamente com sua amiga Ivonete, que mora duas casas após a casa de Dama da Noite. Sua rotina está baseada na sua relação com o roçado. Tanto *Dama da Noite* como a amiga Ivonete trabalham tanto em casa como no roçado, mas afirmam somente o trabalho na roça é considerado produtivo. Segundo seu relato:

Acordo as 4:30 da manhã, faço minha reza, preparo o café e de 5:30, coloco comida para as galinhas, pego minha enxada e vou embora pra o roçado com Ivonete. A terra que a gente trabalha é de Zé dos Quadros, em troca, cuidamos de suas bananeiras ou trabalhamos em coisas específicas que ele exige. Volto do roçado de 9:00 para varrer a casa, lavar roupa e cuidar do almoço. Depois que almoço, nem durmo, já volto pra o roçado com Ivonete e largo apenas de 16:00

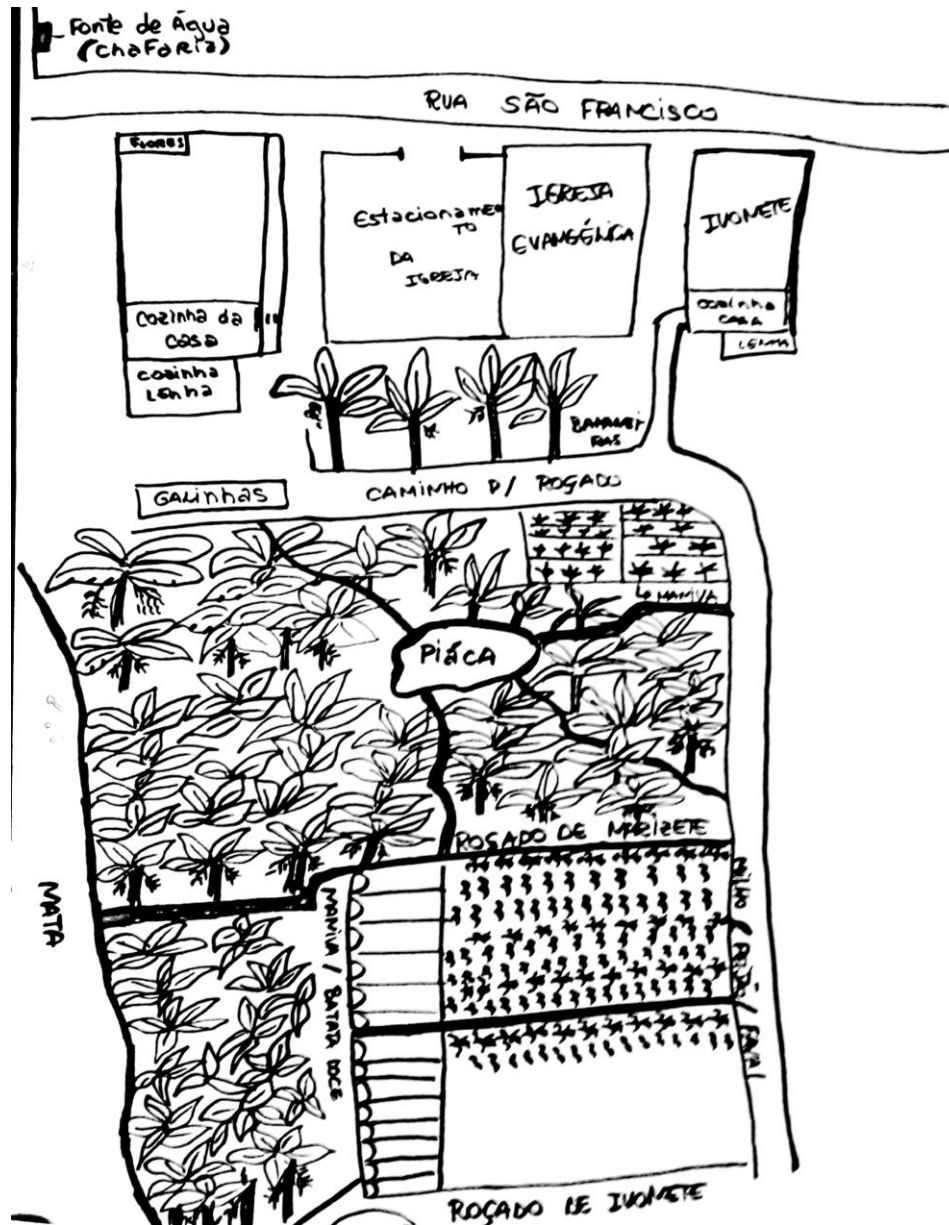


Fig. 20: Casa versus Roçado de Dama da Noite

Dama da Noite cultiva sementes como feijão mulatinho, milho, fava, feijão de corda, batata e maniva, tudo no espaço que é dividido com Ivonete. Logo, ela conta como organiza sua produção do roçado, separando e definindo quais os tipos de produtos são destinados para a venda ou para o consumo de sua família, assim como o trabalho durante as épocas do ano, que são bem definidas

Apenas o milho é para a venda, e mesmo assim quando ele tá seco, porque quando tá verde, é só pra o consumo de casa e dar para os amigos. Este ano, consegui bater sozinha, 11 sacos de milho. Geralmente eu vendo uma parte no início assim que colhe, mas o valor é mais barato, chegando a custar R\$45,00. Guardo uns sacos pra vender depois, quando tá mais difícil de achar milho, esses dias mesmo eu consegui vender dois sacos por R\$110,00, e ainda tenho alguns guardados. Aqui hoje eu tenho feijão,

que nunca falta na minha casa e uma fava que to colhendo aos poucos, mas esse tipo de colheita é para mim e para a casa das minhas filhas (...) e quando tá no inverno é o tempo que a gente dedica ao plantio e a limpeza dos matos, como a temperatura é menor, dá pra ficar um pouco mais no roçado, e assim, as atividades de casa ficam com minhas filhas, que sempre estão aqui em casa. Já durante o verão não tem plantio grande, só de uns tipos de feijão, mas a gente precisa colher, quebrar o milho, olhar se não tem algum bicho comendo as sementes. É todo um cuidado.

Ademais, *Dama da Noite* conta que além dos serviços voltados para o roçado, para sua casa, ela fazia trabalhos domésticos para complementar a renda e alimentar sua família. A firma:

Lavei muita roupa para as pessoas lá na Piáca. Quando nascia alguma criança na comunidade, eu sempre me dispunha a ajudar, Tainá mesmo quando nasceu eu fui cuidar dela na maternidade, dar banho e acalantar. Em troca disso, eu recebia qualquer tipo de coisa, seja uma feira ou uma quantia em dinheiro, mas geralmente eu ia cuidar das pessoas porque eu gostava e gosto de cuidar. Se hoje eu não trabalhasse com a agricultura, talvez ela não estaria me entrevistando para esta pesquisa dela. Hoje em dia estou cuidando da minha filha que teve dois filhos, é um trabalho dobrado.

II. 5 - Dália

Aos 73 anos, *Dália*¹² é aposentada e mora há cinco anos na Vila São Francisco (quatro casas antes da de Dama da Noite). Antiga moradora do sítio Timbaúba (pertencente ao Distrito Mata Limpa) reside no Muquém com sua filha, genro e netos. Ela conta sua história enquanto moradora no sítio Timbaúba e a sua nova morada. Teve seis filhos, mas antes de casar aos 27 anos, foi direcionada à obrigação de cuidar de dez irmãos. Conta-nos:

eu casei veia, mas antes de casar, casei meus irmãos primeiro. Lá em Timbaúba eu tenho minha propriedade que é terra de herdeiro, onde eu acabei comprando as partes dos meus irmãos e hoje as terras ficou para o meu filho mais velho. Eu tenho duas casas, está que meu velho trocou o terreno com meu genro e começou a construir, e a lá do sítio. (Entrevista realizada com Dália, em sua casa na Vila São Francisco, 17/10/2019)

O seu trabalho com a agricultura e com as atividades domésticas iniciou muito cedo, aos 12 anos no sítio Timbaúba quando sua mãe faleceu. Dedicava-se tanto aos cuidados dos irmãos, como dos animais. No Sítio Timbaúba

a gente plantava milho, fava, feijão, maniva. Criava porco, galinha e gado. Mas quando minha mãe faleceu, tive que assumir toda a responsabilidade por ser a filha mais velha. Assim, cuidava de toda a casa, fazia todos os serviços, cuidava dos meus

¹² Carminha

irmãos, botava água. Quando eles foram crescendo, faziam as atividades comigo, mas só saí deste trabalho quando casei todos eles

Ao se casar, *Dália* conta que suas atividades com a casa continuaram e já estava acostumada a trabalhar nesse ritmo. Seu falecido marido trabalhava como pedreiro, mas após um incidente ele ficou acamado e foi neste momento que ela relata a trajetória considerada mais difícil da sua vida

quando meu velho ficou doente, em cima da cama, eu tinha que trabalhar pra conseguir alimentar meus seis filhos. Antes disso acontecer a gente até vivia bem, mas depois, por não ter estudado, o único trabalho que eu arrumei foi trabalhando na casa dos outros e até das minhas próprias irmãs. Lavava roupa em troca de uma cuia de feijão, por cinco reais. Também ia para as casas de farinha, procurar o que fazer em troca de uma cuia de farinha. Eu nunca parei de correr atrás do que comer minha filha, porque ou eu corria, ou meus filhos passavam fome.

Com o seu esposo doente, ela tinha que fazer tanto as atividades que já lhe tinham sido direcionadas desde a infância, como o trabalho do marido. Segundo relatou:

acordava 4:00 pra carregar capim para os bichos, voltava pra casa, alimentava meus filhos e quase todo dia tinha uma roupa pra lavar em troca de dinheiro. Também tinha que arrumar a casa, dar banho nas crianças, fazer comida e cuidar de meu velho também. Quando os meninos foram crescendo começaram a me ajudar cuidando dos bichos e do roçado, enquanto eu arrumava um pedaço de carne pra família comer. Cortava a carne bem miudinha, que era pra render

Sua atual casa (Fig. 21) foi construída ao lado da casa de uma de suas filhas, e quando se mudou para o Muquém, sua afilhada Nina disponibilizou uma parte do seu terreno para ela construir o seu roçado (Fig. 22). Nesta parte que fica o roçado, por trás da casa e depois de uma cerca, o mesmo acesso que a sua filha e alguns vizinhos tem para irem na cacimba de água Piáca. As bananeiras do marido de sua afilhada ficam ao lado do roçado, visto de uma forma negativa por *Dália*, ao apresentar a pouca utilização da terra por conta da bananeira, que apenas ‘suja’ seu roçado.

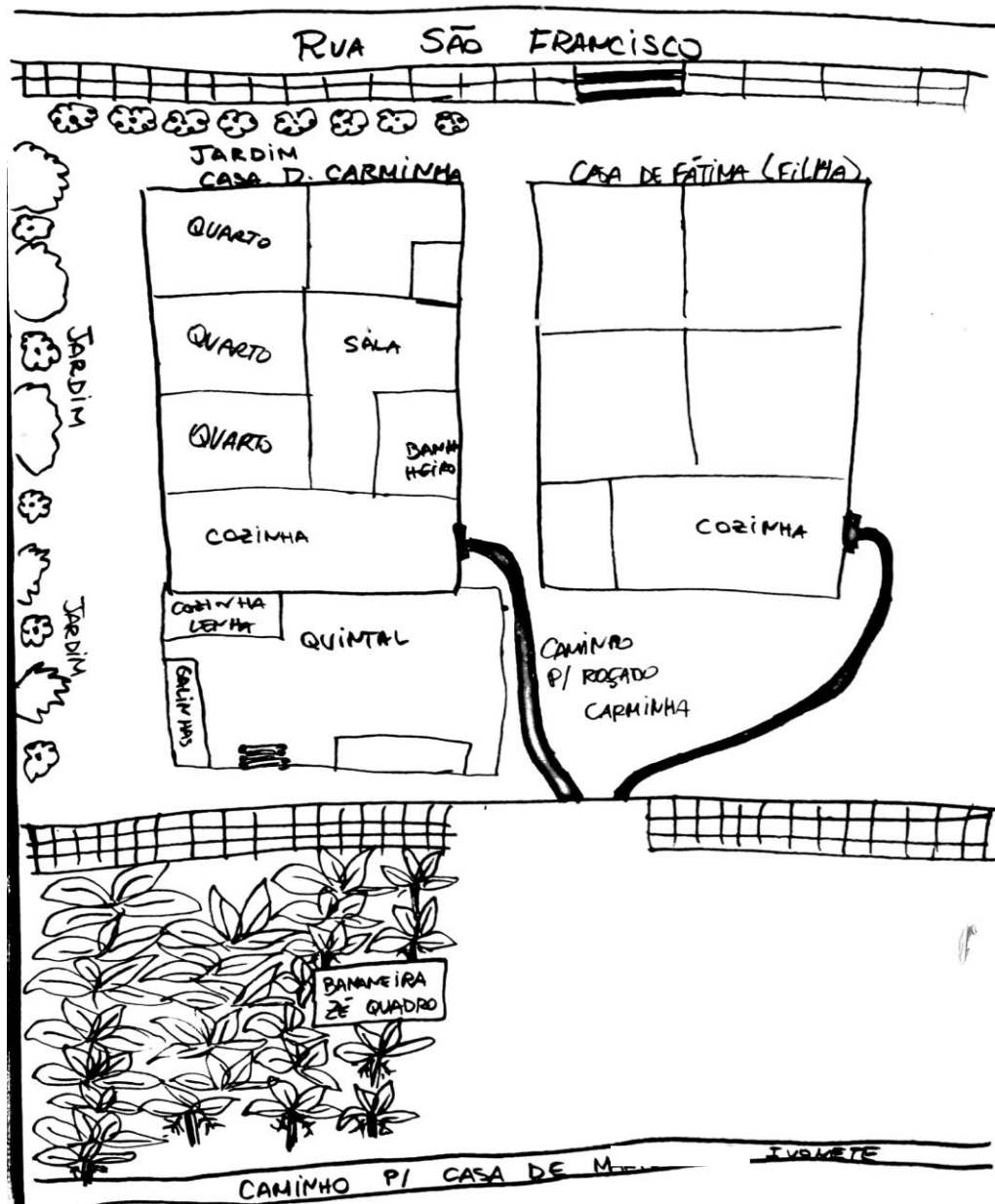


Fig. 21: Mapa Mental elaborado por Dália e seu neto (Outubro, 2019)

“eu sempre gostei de trabalhar na agricultura, sempre tive orgulho e apesar das dificuldades, eu me considero muito feliz e realizada com a vida, saúde e paz que tenho hoje em dia. O pedaço de terra que hoje tenho pra plantar é pequeno, mas pelo menos eu estou com meu roçadinho, me ocupando com o que gosto. Meu sítio continua lá, de vez em quando vou lá, principalmente no inverno, porque eu gosto de trabalhar”

Mesmo morando com sua filha e fazendo as atividades domésticas, *Dália* descreve sua rotina baseada na sua relação entre os espaços da sua casa e o percurso ao chegar no roçado:

Acordo de 5:30 e o café já está pronto porque minha filha acorda mais cedo que eu pra fazer o almoço do marido dela. Tomo meu café, vou pra o roçado e faço meus

exercícios. Me alongo pra cá, levanto uma perna pra cá. Se eu for apanhar fava, eu acendo meu cachimbo, mas tem a hora do cachimbo também porque o cachimbo eu só gosto de fumar em casa. Todo domingo eu vou pra feira, mas gosto de chegar cedo por conta da quentura



Fig. 22: Roçado de Dália (SANTOS, 2019)

Sua casa é compartilhada por duas famílias, a sua e a de sua filha casada. Há divisão de tarefas, como a responsabilidade da comida, que é sua, e a limpeza e organização da casa que fica com sua filha. O cuidado com seus netos também é dividido, visto que tanto Dália, quanto suas duas filhas dedicam atenção as crianças. Assim, descreveu suas atividades na lida diária:

No inverno quando o sol tá mais frio eu trabalho até 10:00. Nunca trabalhei sem chapéu porque eu tenho medo desses problemas de pele.. Durante este tempo eu só não cavo lerão, isso fica pra meu filho ou meu genro e levo meus netos pra plantar comigo. Minha filha que mora comigo cuida da casa, mas eu cuido do almoço. Quando o sol tá quente eu volto pra casa antes das 9:00, e o almoço sai até mais cedo, de 11:00. Quando chego da feira no domingo tá tudo pronto, só chego pra almoçar. É o meu dia de descansar

Sobre a aposentadoria, *Dália* conseguiu o benefício aos 55 anos, porque segundo conta, tinha todos os papéis em seu nome, e só precisou ir duas vezes no sindicato falar com Germano e Noêmia, líderes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Areia. Atualmente, *Dália* está trabalhando apenas com suas pequenas plantações do tipo cuidados com a fava, maniva e pequenas hortaliças como coentro, pimentão e ervas medicinais. Também cuida de algumas galinhas e cachorros, como ela (Fig.23). Afirma que cuida:

das galinhas e fico limpando um mato aqui e outro ali. Tem essas bananeiras do lado que eu não gosto, só suja. Mas tem a fava, pimentão, coentro, cebolinha, feijão macassa. Tinha mais coisa, mas tem esses quiabos, pimenta.”



Fig.23: Dália mostrando o pé de pimentão (SANTOS, 2019)

II. 6 - Girassol

Com 51 anos *Girassol*¹³ agricultora e artesã, é líder comunitária na Associação dos Agricultores de Tabuleiro, a única mulher entrevistada que não é aposentada. Trabalha com a agricultura desde os 10 anos de idade e sua trajetória no campo do trabalho é representada em dois momentos: solteira e casada. Quando solteira, morava no Sítio Lino, e trabalhava ajudando seu pai nas terras do Senhor. Carrin (o mesmo que Dama da noite e trabalhou), no sistema de parceria¹⁴ Quando seu pai foi trabalhar em São Paulo, mudou o local de trabalho se direcionando para as terras de Zé de Dôra, ainda no regime de parceria, juntamente com seus irmãos. Contamos:

a gente acordava cedo quando trabalhava nas duas terras, e sempre ia pra o roçado por volta das 5:40 pra 6:00. Minha irmã mais nova ficava responsável pra cuidar do almoço. As vezes quando a gente ia trabalhar um pouco mais longe, só voltava no meio da tarde. Mesmo assim o trabalho não parava, porque juntava todas as mulheres e íamos buscar água na cabeça e mesmo assim muito feliz, porque eu considerava que este era um momento de distração (Entrevista com Girassol, no terraço da casa de Rosália/irmã. 06 de novembro de 2019)

Sempre Trabalhou sempre com a agricultura. Com 23 anos casou-se com João que era do Sítio Jardim, passando a trabalhar no roçado da terra do seu marido, sempre trabalhando com o roçado. O marido, diferentemente de *Girassol*, trabalha como Agente de Saúde na comunidade que moram e nos finais de semana faz algumas atividades do roçado.

Segundo *Girassol*, enquanto seu marido atua como agente de saúde, ela

fazia todo tipo de trabalho no roçado, só não derrubava mato grosso, mas limpava, enramava, fazia cova, lerão e plantava milho, feijão, maniva, fava, batata. Todo tipo de plantação eu tenho conhecimento, desde a cana-de-açúcar até as hortaliças

Na descrição de sua rotina diz:

acordo 5:30, faço o café e tomo. Arrumo meu filho (tenho três filhos mais velhos e um de 6 anos) pra deixar ele no ponto do ônibus. Quando volto é onde começa o trabalho de arrumar a casa: passo uma vassoura, é louça, é almoço, é roupa. Por vez eu ainda vou no roçado que fica há uns 15 minutos caminhando. Quando dá 11:30 eu volto e vou buscar meu filho no ponto de ônibus e é neste momento que nós almoça

¹³ Socorro.

¹⁴ Sistema parceria é um tipo de produção que o pequeno agricultor faz com algum proprietário de terra. Neste espaço ele constrói seu roçado e parte da produção é dividida com o proprietário da terra, justificado pela ideia de pagar sobre o espaço de produção.

As atividades no roçado são distribuídas de acordo com o tempo de plantio e de colheita, mas o trabalho doméstico é contínuo, mas realizado no horário da manhã. *Girassol* também trabalha com o artesanato (Fig.24), trabalho que ela se orgulha muito, Afirma:

comecei a trabalhar com o artesanato quando tinha 30 anos junto com minha irmã Rosália. O trabalho que eu realizo é com a palha da bananeira e cipó, pode ser os dois juntos ou separados. Geralmente eu dedico meu tempo para o artesanato durante o período da tarde, mas não é todos os dias. Por exemplo, se eu tiver muita coisa pra cuidar no roçado e não tenho o material de fazer o artesanato ou nenhuma encomenda, minha dedicação é exclusiva ao roçado.



Fig.24:Artesanato de cipó feito por Girassol (SANTOS, 2019)

A paixão pelo artesanato surgiu a partir do momento que Girassol observou que tinha como ganhar seu próprio dinheiro, guardar e comprar algo de seu interesse, pois, o trabalho com o roçado é para o sustento da família, e o dinheiro obtido com o artesanato é apenas seu, sem dependência do marido. Explica que:

a demanda do artesanato varia. Depende do tipo da encomenda. Não é um trabalho que você vai ter o dinheiro todo dia, as vezes quando eu deixo meus trabalhos lá no Restaurante Vó Maria demora três meses para sair. As meninas chegaram a comentar que eu não estava indo muito bem nas vendas, mas de repente chegou um grupo de holandeses e comprou todos os produtos. As pessoas tem interesse sobre o nosso artesanato, como os turistas e até as universidades

Enquanto o trabalho no roçado e/ou na casa acontece durante a manhã, o trabalho com o artesanato é realizado no período da tarde, e tem hora para começar. E o dinheiro obtido através deste trabalho é utilizado para comprar coisas específicas e de uso pessoal. Ao descrever as atividades do artesanato fala:

eu me sento no chão junto com Rosália e geralmente só acabo lá pras 22:00. Eu não sei nem onde anda meus produtos, sei que tem em São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco. Mas eu não sei quem compra nem quem usa. Quando eu quero comprar alguma coisa pra mim, e eu sei que é mais caro, eu vou juntando até conseguir a quantidade suficiente pra comprar.

Sua casa fica próxima da estrada principal (observado na Fig. 25) que se direciona ao Distrito de Muquém, a entrada para as duas casas está representada por uma porteira. A casa de Girassol é a da esquerda, construída recentemente, que ela trabalhou juntamente com o pedreiro para erguer. O sítio (sua antiga moradia) fica antes da sua atual casa, próxima a estrada principal, entretanto, do outro lado da estrada. Lá, tem o poço de água, que segundo Girassol “vai buscar na cabeça a água ou alguma lenha que estiver pelo chão”.

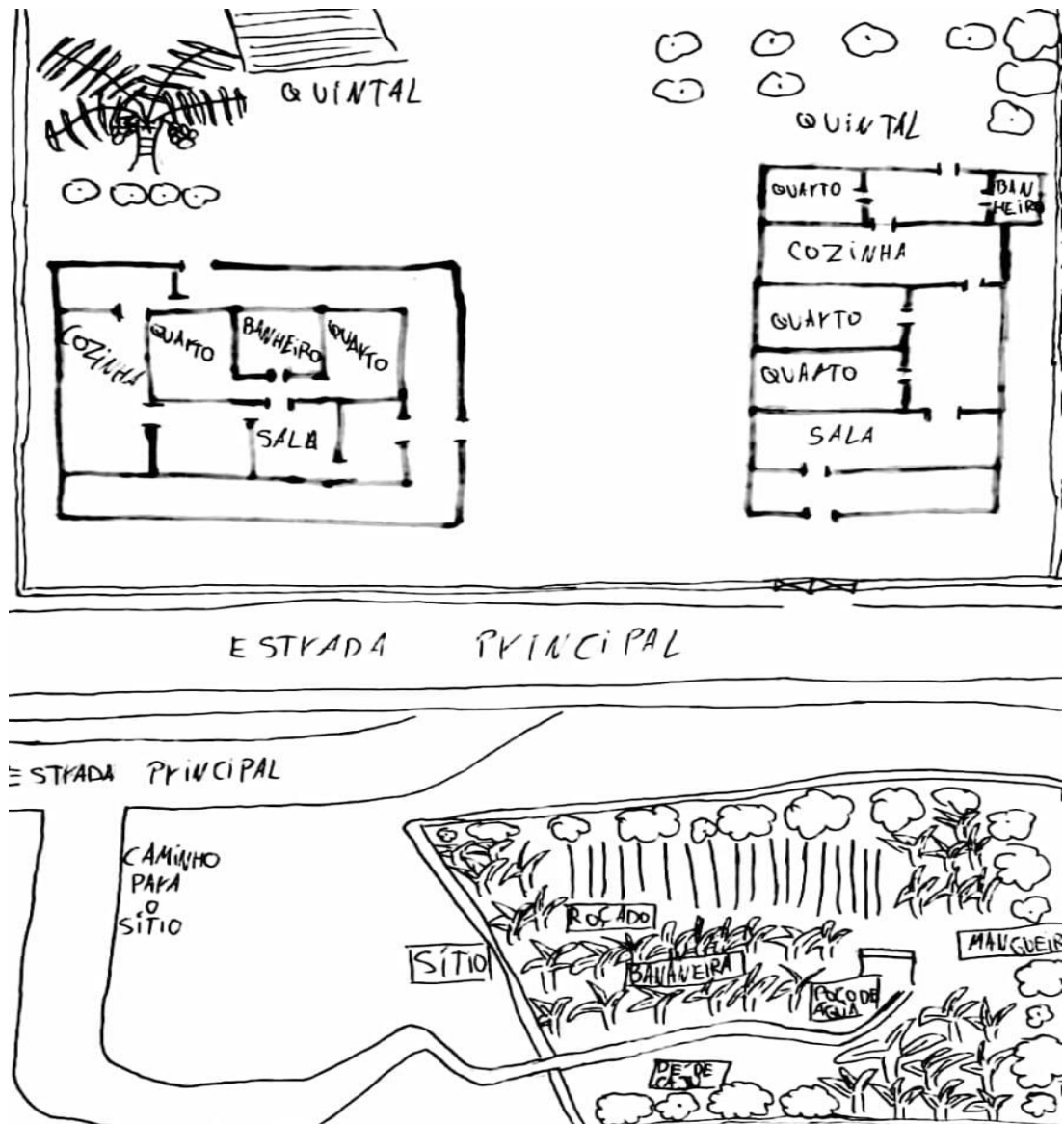


Fig. 25: Mapa mental elaborado por Ulisses, filho de Girassol. (novembro, 2019).

Seu trabalho a partir da palha da bananeira, possibilita ademais a locomoção de *Girassol* para outras localidades para colher a palha (cidades como Alagoa Grande e Alagoa Nova). Logo, o grupo de artesãs do Tabuleiro se reúnem, fretam um carro e vão em busca da coleta do material de trabalho. Socorro também trabalha na Associação dos Trabalhadores Rurais do Tabuleiro desde sua fundação (2001), ocupando cargos como conselheira fiscal, secretária e presidente, na qual todas as iniciativas partem dela e de sua irmã. Demonstra uma vida dinâmica e diz:

eu acho pouco o trabalho que faço em casa, no roçado e de artesanato e ainda faço questão de participar das reuniões tanto nos domingos quanto as da cidade. Eu acho muito importante o trabalho do sindicato, pois se a gente abandonar, como é que vai ficar?

Girassol (Fig. 26) não fica responsável por fazer as compras no mercado, este sendo uma atividade realizado por João, seu esposo. Logo, sempre que possível, após deixar seu filho no ponto do ônibus, ela vai resolver assuntos pendentes na cidade. No caso, ela é responsável por organizar algumas atividades na capela (próxima a sua casa), que precisam ser resolvidas na cidade assim, ou passear e visitar alguns amigos. Mas tal tipo de deslocamento para a cidade não é tão demorado, pois, assim como apontado por Socorro “eu faço muita coisa, não posso perder tempo”



Fig. 26: Girassol em seu roçado no mês de novembro: Fava e maniva. (Ulisses, novembro de 2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu compreender as territorialidades e os processos de construção identitária sobre um grupo de mulheres, enquanto moradoras do campo e agricultoras. O foco central da análise recaiu na organização de seus territórios, buscando perceber como elas representam, separam e classificam os espaços a partir da relação cotidiana e dos vínculos que mantêm com os mesmos.

Podemos perceber como esses espaços podem se caracterizar de várias formas e performances, visto tanto as possibilidades de enxergá-los em situações de conflito gerado pela proximidade das casas das mulheres que moram na vila, como Dama da Noite e Dália que tem seus espaços compartilhados ou divididos com quintais de parentes ou com igreja. Também

está na posse da terra, seja através da herança do pai ou do poder de compra, a terra possibilita alimentar e exercer suas trajetórias por elas.

Existem várias possibilidades do trabalho com a terra através das complexidades que apontam o empoderamento e o reconhecimento pelo trabalho e existência das mulheres. São as mulheres que percebem o mundo, e também são as mesmas que estão há tempos enfrentando discursos misóginos que as colocam em condição subalternizada. É escutando as mulheres que iremos direcionar políticas públicas e de inclusão e acesso aos mínimos direitos na/para sociedade, pois são estas que estão sobrecarregadas de trabalho. Se o Estado dificulta os benefícios sociais como aposentadoria através da agricultora, como em algumas situações de grande parte das mulheres residentes nas comunidades do Distrito de Muquém, esse mesmo Estado (território permanente) não se encontra com políticas públicas para incluir os direitos básicos de bem estar social, seja com as mulheres ou com a juventude rural.

O espaço social direcionado para representar as mulheres dentro da forma globalizada constitui em uma apresentação de dimensões conflitantes e subjugadas ao domínio de territórios de ordem padrão, sejam esses territórios em menor proporção ou até fronteiriças. Não se trata de uma romantização sobre o trabalho e o esforço desempenhados por estas mulheres, mas um reconhecimento sobre seu trabalho, permitindo a elas um lugar de fala e reafirmação da sua condição enquanto mulher e atuante na economia da sua, seja na construção de uma casa, ou no orgulho com seu trabalho artesanal, estas mulheres, tem seus conhecimentos valorizados e compreendidos, entre si e como atuantes.

É nesta condição que precisamos pensar sobre os grupos sociais em áreas rurais, que são múltiplos e plurais, de forma que as subjetividades possam ser analisadas. É através das histórias dos lugares, presentes nas oralidades e ações que as mulheres praticam suas territorialidades e constroem e identificam seus territórios.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. V. P. **O Trabalho das mulheres nos espaços rurais: algumas reflexões**. Revista Raízes, v. 37, jul-dez. Natal, 2017.
- BEAUVIOR, S. **O Segundo Sexo: Fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960a.
- _____. **O segundo sexo: A experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960b.
- BRUMER, A. **Gênero e Agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2004.
- CARNEIRO, M.J. **Esposa de Agricultor na França**. P.338-354. 1996.

- CUNHA, A. P. **Diálogos entre Geografia e Agroecologia: reflexões sobre território, desenvolvimento e colonialidade.** Terra Livre, Ano 29, Vol2, n 43. São Paulo, 2017.
- FEDERICI, S. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação Primitiva.** São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- GROSFUGUEL, R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global.** Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n.80, p.115-147, 2008.
- HEIDRICH, A. L. **Conflitos territoriais na estratégia de preservação da Natureza.** Org. Territórios, processos e conflitos. Consequência Editora, Rio de Janeiro, 2015
- PNDRSS. **Plano Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.** Disponível em <http://pndrss.gov.br/>(Acesso em 23/10/2019).
- SAQUET, M. A. **Por uma abordagem territorial.** Org. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. Consequência Editora, Rio de Janeiro, 2015.
- STAMATO, B. MOREIRA, R. M. **Metodologias Participativas em Agroecologia: redes, processos e estratégias rumo a uma Pedagogia do Alimento.** UFSCS, v.22, maio-agosto, 2017.
- SILVIA, J. M. **Geografias Feministas, sexualidades e corporalidades: desafios e práticas da ciência geográfica.** Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, 2010.
- SOUTO, P. N. **Areia: Uma “aldeia” negra paraibana de fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX.** Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2015.
- THEOTONIO, A. C. R. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas Mágicas na Zona Rural de Areia – PB.** Dissertação de Mestrado. Campina Grande, 2010.
- WOORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste.** São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.